



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

WAILLA CONSTANTINOV SANDRES

**O EXISTENCIALISMO SARTRIANO A PARTIR DA OBRA *A NÁUSEA*:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA**

ERECHIM

2022

WAILLA CONSTANTINOV SANDRES

**O EXISTENCIALISMO SARTRIANO A PARTIR DA OBRA A NÁUSEA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alcione Roberto Roani

Coorientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Sandres, Wailla Constantinov

O existencialismo sartriano a partir da obra A Náusea: uma análise comparativa entre a literatura e a filosofia / Wailla Constantinov Sandres. -- 2022.

81 f.

Orientador: Doutor Alcione Roberto Roani

Co-orientador: Doutor Roberto Carlos Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2022.

1. Existencialismo. 2. A Náusea. 3. Jean Paul-Sartre.
I. Roani, Alcione Roberto, orient. II. Ribeiro, Roberto
Carlos, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

WAILLA CONSTANTINOV SANDRES

**O EXISTENCIALISMO SARTRIANO A PARTIR DA OBRA A NÁUSEA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciada em Filosofia da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcione Roberto Roani – UFFS

Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro – UFFS

Prof. Dr. Thiago Soares Leite – UFFS

Prof. Me. Diego Ecker - UFSM

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a mim mesma, por não ter desistido desse projeto e por ter sido resiliente durante os anos de escrita do TCC, apesar de todas as adversidades consegui não me deixar abater.

Agradeço aos docentes do curso de Licenciatura em Filosofia, *campus* Erechim, pelos excelentes ensinamentos, e por serem tão humanos. Vocês serão sempre meus exemplos!

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Alcione Roberto Roani, que durante esse tempo confiou em mim, e por me auxiliar em todos os momentos que precisei.

Ao meu coorientador Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro, pela paciência e também pelas valiosas contribuições ao meu trabalho.

Aos professores Dr. Thiago Leite e Me. Diego Ecker, pela disponibilidade de participação da banca examinadora.

Agradeço a minha família que mesmo não entendendo nada de filosofia, entende que os estudos é o único meio de ascender na vida (apesar de tudo). E pelo apoio que me deram.

Agradeço em especial ao meu tio Paulo, por ter me encorajado há ir para Erechim estudar Filosofia.

Agradeço a UFFS, pelo acolhimento e por toda as experiências e oportunidades únicas que me ofereceu durante todos esses anos em que me construí através dela, e por ter me dado as condições necessárias para ter me dedicado somente aos estudos durante alguns anos.

Agradeço as amigas maravilhosas que fiz em Erechim, pessoas especiais que levarei para toda minha vida.

E, por fim, ao professor do terceiro ano do ensino médio, que me apresentou a verdadeira filosofia, complexa e instigante, pelo qual eu descobri o existencialismo.

Se você misturar o purê de batata e o molho, não pode separá-los depois. É para sempre. A fumaça sai do cigarro do papai, mas nunca volta a entrar. Não podemos voltar. Por isso é difícil fazer escolhas. É preciso fazer a escolha certa. Enquanto não se escolhe, tudo permanece possível.

Filme: Sr. Ninguém.

“E *eu* – fraco, lânguido, obsceno, digerindo, revolvendo pensamentos sombrios –, *também eu era demais.*”

Sartre.

RESUMO

Jean Paul-Sartre (1905-1980) foi primeiro um literato e depois embarcou no mundo da filosofia, deixando várias obras, em que, tanto em seus romances, quanto nos seus escritos filosóficos, expressa o seu pensamento de maneiras diferentes, porém, sempre em defesa do que ele acreditava, na liberdade do indivíduo. Assim, o presente texto tem como objetivo se utilizar de duas das principais obras de seu acervo, são elas, o seu romance *A Náusea* (1938), e o seu ensaio filosófico *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (1943), a fim de tecer uma análise comparativa entre alguns acontecimentos do romance em sintonia com os conceitos da sua filosofia existencialista, quais sejam: o *Nada* (ser Em-si, ser Para-si), a Liberdade e a Angústia. Em relação ao método de trabalho, nos utilizaremos de trechos específicos do romance, principalmente os que mais se aproximam do conceito abordado em cada seção. Entendemos que na sua literatura, que antecedeu a sua teoria filosófica, já se encontravam os pressupostos do que viria a ser a sua filosofia existencialista em um estudo conceitual. Sartre, demonstra através do protagonista do romance como ocorre a descoberta da contingência, que é a expressão máxima da existência, e o ápice do seu compreender existencial. Porém, nesse processo de descoberta, o narrador-personagem passa a revelar novas sensações que lhe causam a náusea, e, através disso, conseguimos identificar os conceitos do existencialismo sartriano por entre as suas revelações.

Palavras-chave: A Náusea. O Ser e o Nada. Jean Paul-Sartre. Existencialismo. Literatura existencialista.

ABSTRACT

Jean Paul-Sartre (1905-1980) was first a writer before embarking in the world of philosophy, leaving in his wake several pieces in which, as much in his novels as well as in his philosophical writings, he expresses his thoughts in different ways, although always defending what he believed: the individual's freedom. Thus, the present text aims to make use of the two main works of his bibliography, the novel *Nausea* (1938) and his philosophical essay *Being and Nothingness: An Essay on Phenomenological Ontology* (1943), with the purpose of developing a comparative analysis between some events in the novel in tune with the concepts of his existentialist philosophy, namely: *Nothingness* (being in-itself, being for-itself), Freedom, and Anguish. Concerning the method employed, we will use specific excerpts from the novel, mainly those that closely approach the concepts addressed in each section. We understand that some presuppositions of what would come to be his existentialist philosophy in a conceptual sense were already present in his literature, which preceded his philosophical theory. Through the novel's protagonist, Sartre shows how the discovery of contingency occurs, that which is the ultimate countenance of existence and the apex of his existential comprehension. However, in this discovery process, the character-narrator starts to reveal new sensations that cause him to feel nauseated. Through that, we can identify concepts of Sartrean existentialism amidst his revelations.

Keywords: Nausea. Being And Nothingness. Jean Paul-Sartre. Existentialism. Existentialist literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO I: SARTRE E A CONEXÃO ENTRE AS OBRAS LITERÁRIA E FILOSÓFICA	12
2.1 ELEMENTOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE A OBRA LITERÁRIA E FILOSÓFICA	13
2.1.1 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA.....	13
2.1.2 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA OBRA FILOSÓFICA.....	17
2.1.3 A CONEXÃO ENTRE AS OBRAS.....	18
3 CAPÍTULO II: CONCEITOS FILOSÓFICOS FUNDAMENTAIS DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE	22
3.1 SER-EM-SI.....	22
3.2 SER-PARA-SI.....	25
3.3 LIBERDADE.....	28
3.4 ANGÚSTIA	36
4 CAPÍTULO III: O EXISTENCIALISMO SARTRIANO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA E COMPLEMENTAR ENTRE AS OBRAS <i>A NÁUSEA</i> E <i>O SER E O NADA</i>	44
4.1 O <i>NADA</i>	44
4.2 A LIBERDADE	52
4.3 A ANGÚSTIA	62
4.4 A NÁUSEA COMO SENTIDO DA CONTIGÊNCIA DO SER	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

O filósofo contemporâneo Jean-Paul Sartre (1905-1980) antes mesmo de elaborar a sua filosofia existencialista foi um grande romancista da época. Um dos principais romances de seu acervo é *A Náusea*, uma literatura que é escrita no formato de um diário pertencente ao protagonista da trama, Antoine Roquentin, que traz reflexões muito particulares das novas percepções que tem diante das coisas do seu cotidiano e que vem lhe causando o sintoma da náusea. Será sobre essas novas percepções que analisaremos de maneira interpretativa aos conceitos que, posteriormente, foram desenvolvidos por Sartre em seu ensaio filosófico *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*.

Entendemos que em *A Náusea* Sartre constrói um narrador-personagem a margem de sua descoberta existencial, um homem solitário, que possui apenas a si mesmo e suas histórias, um indivíduo que se descobre em meio a existenciais superficiais, pacíficas e contingentes, como as coisas a sua volta. Presentindo que nada existe além dos momentos em que se vive, se revela a insignificância da sua realidade, na qual tudo lhe é indiferente a sua existência. Assim, descobre-se em liberdade, liberto até mesmo de seu passado. Essas novas descobertas sobre a realidade ocorrem gradativamente, conforme descreve no seu diário. Dessa maneira, compararemos como essas descobertas são descritas na teoria existencialista sartriana através de *O Ser e o Nada*, em que o filósofo traz de maneira teórica essa forma de entender a existência do indivíduo.

Esse estudo se estrutura em 3 capítulos. No primeiro capítulo teremos uma pequena introdução da vida do filósofo e escritor Jean Paul-Sartre, e, em seus subcapítulos, mostraremos alguns elementos de aproximação entre a obra filosófica e a literária estudadas aqui, apresentando os principais elementos sobre cada uma dessas obras. Assim, num primeiro momento contextualizaremos a obra literária, e, na sequência, apresentaremos os principais elementos da obra filosófica que sejam de interesse para o nosso estudo; e, por fim, a conexão entre ambas.

Em seguida, no segundo capítulo, a fim de um melhor entendimento dos conceitos do existencialismo sartriano, apresentaremos os três principais conceitos aqui abordados, os quais analisaremos no romance posteriormente, são eles: o *Nada*, no qual se incluem os conceitos de ser Em-si e ser Para-si, a Liberdade e a Angústia. Faremos uma exposição de como são

apresentados por Sartre em seu ensaio de *O Ser e o Nada*, para situar o leitor a respeito das nossas análises comparativas com o romance.

Por fim, no terceiro capítulo, contemplaremos o propósito desse estudo. Em *O existencialismo sartriano: uma análise comparativa e complementar entre as obras A Náusea e O Ser e o Nada*, analisaremos trechos selecionados do romance *A Náusea* de Sartre, comparando por interpretação com os conceitos apresentados da sua filosofia. Os trechos selecionados não seguirão uma ordem cronológica do romance, selecionamos conforme aproximação com o conceito trabalhado. Em tese, os fatos podem ser analisados em sequência, uma vez que essas dimensões existenciais ocorrem sobre um único e mesmo acontecimento da vida, mas que, por questões de organização, optamos por analisá-los separadamente.

No terceiro capítulo teremos 4 seções. Na primeira seção analisaremos *O Nada* enquanto descoberta que o protagonista fará diante das novas percepções das coisas da sua realidade, como ser Para-si descobrindo o ser Em-si. Na segunda seção interpretaremos a descoberta da liberdade como o seu próprio modo de existir no mundo; após, na terceira seção, analisaremos o conceito de angústia que o narrador-personagem apresenta como o mal-estar físico provocado pela náusea quando se depara com a verdadeira natureza do mundo a sua volta. Por fim, dedicamos uma última seção para esse estudo, em *A Náusea como sentido da contingência do ser*, analisaremos conjuntamente todos os conceitos estudados, de maneira a compreender como todos esses conceitos definem a contingência das existências no mundo expressados pelo personagem, da gratuidade dos seres e de si próprio, a contingência que é o ápice de toda a experiência do narrador-personagem, das origens de suas náuseas, e, do mesmo modo, para Sartre a contingência se faz descoberta em sua filosofia existencialista.

No entanto, o foco do texto não é com o enredo do romance, mas, de alguns relatos específicos que o narrador-personagem traz e dos quais nos remetem a uma identificação da filosofia existencialista de Sartre, como que, “através da experiência” do próprio Roquentin. Nosso interesse aqui será de caráter filosófico. Analisaremos os conceitos juntamente com uma interpretação dentro das passagens escolhidas do romance, não havendo interesse na teoria literária, porém, analisaremos alguns comentadores que estabelecem um paralelo entre a literatura e a filosofia de Sartre de maneira que mostre a relevância de ambas no pensamento do filósofo-escritor, mas sem se aprofundar na discussão literária.

Por fim, definimos os objetivos desse estudo como uma análise comparativa pela interpretação dos acontecimentos trazidos pelo narrador-personagem do romance, em analogia

aos três conceitos filosóficos *Nada*, *Liberdade* e *Angústia*. Portanto, para tecer uma aproximação de seus dois escritos e obtermos uma melhor compreensão e desenvolvimento da ideia aqui proposta, cada conceito será analisado separadamente em diferentes seções, tanto no capítulo 2 em que apresentaremos apenas a teoria, quanto no capítulo 3 onde faremos a análise da literatura.

Para nossos estudos utilizaremos como principais referências as duas obras basilares, o livro filosófico *O Ser e O Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (2015), e a obra literária *A Náusea* (2016), além de comentadores como Paulo Perdigão (1995), e Weltman (2009), entre outros, que ajudarão na nossa pesquisa. A relevância desse texto se apresenta quando compreendemos como Sartre demonstrou os prenúncios de seu existencialismo antes de elaborar sua teoria propriamente dita, assim, entendemos como o seu pensamento foi expresso através da literatura, o que posteriormente foi desenvolvida como um estudo filosófico.

2 CAPÍTULO I: SARTRE E A CONEXÃO ENTRE AS OBRAS LITERÁRIA E FILOSÓFICA

Jean-Paul Sartre (Paris, 1905-1980) é um dos filósofos-escritores mais famosos do século XX, popularmente conhecido por suas obras literárias e seu engajamento político nos movimentos de esquerda da época. Reconhecido no cenário filosófico pela sua versão da teoria existencialista centrado na ideia da liberdade humana, produziu uma extensa obra que abarca seu pensamento principal sobre a condição existencial do ser humano, intitulado *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*.

Viveu num turbulento momento histórico em que ocorria a segunda guerra mundial na qual foi convocado a servir no exército francês como meteorologista, chegando a ser preso por quase um ano, onde, mesmo assim, não parou de escrever. Defendia o engajamento intelectual na política e nas questões sociais e encontrou na escrita um meio de fazer com que o leitor tomasse consciência de sua situação no mundo; deixando vasta produção de escritos como romances, peças teatrais, ensaios teóricos, etc, nos quais expressou suas ideias com a prioridade de colocar e defender o ser humano como condição total de liberdade.

Na sua literatura, Sartre consegue através de seus personagens dar vida ao seu pensamento, uma vez que o existencialismo é uma teoria sobre a existência do ser humano no mundo e aplica-se a vida concreta do indivíduo posicionando-o como total responsável por suas ações, ele mostra essa realidade através das situações vivenciadas por seus personagens. E é justamente este um dos aspectos abordados neste texto, ou seja, a relação entre o personagem no enredo literário e a conexão com os conceitos filosóficos e seu significado.

No seu primeiro romance publicado *A Náusea*, datado de 1938, é possível observar como o filósofo através do narrador-personagem da obra demonstra o que vem a ser elucidado posteriormente na sua teoria filosófica. É no seu mais influente ensaio teórico *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, publicado em 1943, que encontramos a concentração de suas principais ideias sobre as questões da existência humana, na qual seus precursores são os filósofos Husserl e Heidegger¹.

¹ Carmello (2009, não paginado) traz uma contextualização detalhada do período vivenciado por Sartre: “A partir de 1938, ano de publicação de *A Náusea*, Sartre se afastará progressivamente de Husserl, devido ao idealismo criticado por ele como presente na fenomenologia husserliana. No ano seguinte, será lançada a coletânea de contos *O Muro*, e então o filósofo procurará a obra de Heidegger, mantendo, entretanto, sempre um distanciamento crítico em relação a ela. Com o início da Segunda Guerra Mundial, foi convocado a servir como meteorologista, mas não

É a partir dessas duas principais obras que se erguem os pilares dessa pesquisa, na qual poderemos encontrar uma complementariedade do pensamento sartriano através do resgate do narrador-personagem e dos principais acontecimentos da obra literária, conceitos expressamente de base filosófica. A seguir, apresentaremos uma contextualização das obras e apontaremos alguns elementos a fim de melhor esclarecer os objetivos desse texto.

2.1 ELEMENTOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE A OBRA LITERÁRIA E FILOSÓFICA

A fim de um melhor entendimento das obras é preciso resgatar a contextualização dos enredos de cada escrito do filósofo aqui abordados, para que nos capítulos posteriores possamos realizar de maneira pontual as análises interpretativas entre ambas. Portanto, a seguir analisaremos primeiramente os principais elementos da obra literária na qual contextualizaremos o enredo em que ocorrem as revelações do protagonista da obra, essas que interpretaremos em analogia aos conceitos filosóficos. E, em seguida, apresentaremos os principais elementos da obra filosófica, a fim de contextualizar o existencialismo de Sartre e demonstrar as primeiras impressões de aproximação entre essas suas duas obras.

2.1.1 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

A trama que se desenrola na obra literária *A Náusea* é identificada através de relatos do narrador-personagem Antoine Roquentin, um historiador de 35 anos que está temporariamente instalado na cidade de Bouville a fim de escrever a biografia de uma personalidade histórica, o marquês de Rollebon. Roquentin é descrito como um homem solitário que ao decorrer de sua narrativa mostra relações com alguns outros personagens, como o Autodidata, Anny (uma

deixou de escrever durante a guerra, nem mesmo quando, em 1940, preso pelos alemães, criou sua primeira peça teatral na prisão, onde esteve por um ano. Após ser solto, fundou o grupo ‘Socialismo e liberdade’ junto com Simone de Beauvoir, destinado a atuar na Resistência à ocupação alemã na França. Em 1943, publicou *O Ser e o Nada*, sua principal obra filosófica, que constitui um diálogo crítico com Husserl e Heidegger”. A fim de compreender melhor a influência da fenomenologia de Husserl recomendamos a leitura de Perdigão (1995) a partir da página 31, em que traz uma lista das razões dessa influência, entre elas, a seguinte: “Com essa volta às essências, a fenomenologia quis fazer da filosofia uma ciência rigorosa e exclusivamente *descritiva*, evitando as ‘especulações metafísicas’ comuns à maioria dos pensadores. Para Husserl, a filosofia deve expressar experiências que digam respeito a todos, e não simples (e sempre contestáveis) ‘visões do mundo’ que apenas refletem as idéias de um único pensador. Seguindo de perto esse princípio, a filosofia sartriana não nos diz ‘como a vida deve ser vivida’, nem pergunta ‘por que o homem existe’: limita-se a descrever o que a vida é, que tipo de Ser o homem é.”

personagem com quem teve um romance no seu passado), seu relacionamento casual com a dona do café Rendez-vous des Cheminots, entre outras figuras. Se nos atentarmos, e com uma prévia compreensão das ideias de Sartre, já percebemos, também, como esses personagens representam em sua “atuação” o jeito de pensar próprio do filósofo², isso é possível identificar através das observações realizadas pelo próprio Roquentin ao descrever sobre a sua perspectiva acerca do que pensa a respeito da condição do outro. Porém, neste texto, em específico, não adentraremos a personalidade dos personagens, mas focaremos a atenção nas novas descobertas próprias do narrador-personagem, Antoine Roquentin³.

O romance é escrito em formato de um diário pessoal elaborado pelo protagonista. Ao perceber que algo está mudando, mas não sabendo onde ocorre esta mudança, precisou rever esses acontecimentos descrevendo-os como uma forma de entender a origem e o que exatamente mudou. No início de seus relatos ele demonstra a sua preocupação quanto a essas mudanças, conforme ilustra na seguinte passagem: “Portanto, ocorreu uma mudança durante essas últimas semanas. Mas onde? É uma mudança abstrata que não se fixa em nada. Fui eu que mudei? Se não fui eu, então foi esse quarto, essa cidade, essa natureza; é preciso decidir” (SARTRE, 2016, p. 16). O narrador-personagem entende que essa mudança abalará seu estilo de vida, e, portanto, angustia-se diante dessa nova sensação.

Quando o leitor entra em contato pela primeira vez com o romance *A Náusea*, antes mesmo de conhecer a filosofia de Jean-Paul Sartre, já nos intriga as questões que envolvem o protagonista ao decorrer de suas revelações, sobre isso Abrahão (2015, p. 13) ressalta que,

O que interessa, segundo Sartre, é narrar a realidade das personagens sem que a história exposta se distancie de uma realidade palpável, passível de ser vivenciada (ou, de acordo com as histórias de nosso *corpus*, realmente vivenciada) por qualquer leitor, uma realidade que, construída ficcionalmente, apresenta personagens cuja responsabilidade moral ultrapassa a própria ficção pelo fato de esta se tratar de um espelhamento crítico da realidade do leitor.

² A título de complemento registramos como exemplo a análise feita por Carmello (2009, não paginado): “O Autodidata é uma referência explícita ao intelectual ‘de gabinete’, afastado dos problemas do mundo e de seu tempo, a que Sartre procura se contrapor. Assemelhando-se a uma caricatura do intelectual inútil, o Autodidata mostra-se interessado em culturas distantes em plena guerra mundial, sendo ridicularizado pelo narrador em sua ânsia por acumular um saber vazio, empilhando informações que não dizem respeito à sua realidade, e chegando progressivamente a provocar enfado, repulsa e a própria Náusea em Roquentin.”

³ Apesar de encontrarmos nas características dos personagens aspectos do existencialismo sartriano não será essa a abordagem aqui proposta. Neste texto teremos como método a análise da narrativa do protagonista em suas recentes descobertas, e, a partir delas, procurar-se-á elucidar o conceito filosófico do existencialismo de Sartre, com as seguintes características: *Nada* (Ser-Em-si, Ser-Para-Si), Liberdade e Angústia.

Entendendo, portanto, como é importante para o filósofo-escritor essa aproximação entre a sua literatura e a subjetividade do leitor, por isso seus personagens representam aspectos da própria realidade humana que podem ser tomadas fora da ficção. Sartre consegue explorar os sentidos e sentimentos humanos e representa-los em seus escritos, como no caso de *A Náusea*. Ainda, segundo Abrahão (2015, p. 30):

O diário serve-lhe, portanto, como uma tentativa de esclarecimento de sua própria vida, e o romance passa a se insinuar como um reflexo que tenciona, por meio da experiência de Roquentin, fornecer ao leitor um entendimento sobre sua (do leitor) própria situação, possivelmente pautada no mesmo alheamento do qual o protagonista era vítima e que, aos poucos, pôde compreender melhor: aquele que lê pode, então, aproximar-se, como cúmplice, de Roquentin — ambos a testemunharem os fatos narrados como se estes estivessem se sucedendo no momento mesmo em que foram registrados.

A construção dos fatos no romance ocorre de maneira linear. O narrador-personagem constrói cenários ao mesmo tempo que descreve suas reflexões diante das coisas e das situações que vivencia. Roquentin começa se percebendo como um existente que tem consciência de sua condição existencial no mundo. Essa tomada de consciência é acompanhada de novas e estranhas sensações, das quais buscará palavras para descrevê-las em seu diário. Aos poucos, ele começa a perceber que os objetos do mundo aparecem mais vívidos na sua perspectiva, o que lhe causa a náusea, e ao decorrer de suas elucidações isso se tornará mais compreensivo para ele mesmo.

É o narrador-personagem que está mudando a sua maneira de compreender os fenômenos que lhe aparecem, entendendo a “verdadeira” existência das coisas, conforme ilustra o texto:

Acho que fui eu que mudei: é a solução mais simples. A mais desagradável também. Mas enfim tenho que reconhecer que sou sujeito a essas transformações súbitas. O que acontece é que penso muito raramente; então, uma infinidade de pequenas metamorfoses se acumulam em mim, sem que eu dê conta, e aí, um belo dia, ocorre uma verdadeira revolução. (SARTRE, 2016, p. 16)

Diante da necessidade de narrar e compreender essas novas sensações, buscará palavras que possam descrever a experiência de se encontrar frente às coisas que perdem os seus significados. São esses significados que justificam a existência dos objetos para a sua consciência, sem isso, elas passam a serem entendidas pelo narrador-personagem como uma

existência bruta, destituída de razão, sem os significados que a consciência emprega a cada coisa na sua realidade. Ao começar a questionar o ser das coisas ele também questiona a sua própria existência no mundo se mostrando cada vez mais consciente de sua realidade e de sua situação, o narrador-personagem percebe a verdadeira existência das coisas em sua total contingência, nada mais é necessário ou possui uma razão maior para existir, disso, decorre o sentimento nauseante que toma aos poucos o ser do narrador-personagem. Dessa maneira, o próprio Roquentin constata que a sua existência é desprovida de sentidos, assim como os objetos que sem os significados são apenas coisas que existem. Na ontologia de Sartre fica compreensível como a existência do ser humano dessa maneira se concebe diante do mundo.

Durante essa descoberta Roquentin se compreende em um mundo desprovido de propósitos, fazendo parte de uma realidade contingente que não tem necessidade nenhuma de ser desta forma, mas que se revela como o próprio ser humano o construtor de sua realidade. Do mesmo modo, o narrador-personagem se compreende como parte desse mundo e também como um ser injustificável, e, portanto, descobre-se como o guia de sua vida em total liberdade de construir seu ser. Em determinado momento no romance, como acompanharemos nos próximos capítulos, o narrador- personagem revendo todas as suas experiências, confessa: “a Náusea sou eu” (SARTRE, 2016, p. 170). Essa náusea que ele descreve estar em suas mãos e por tudo nele, é devido a consciência de sua própria contingência, assim como o mundo que o cerca, não há um criador que determine o seu ser. Com isso, reflete que tudo que tem dado sentido a sua vida já não faz mais sentido diante da não necessidade das coisas, é ele que significa o mundo, assim, como a sua própria existência nele.

O narrador-personagem vê a existência como uma condenação diante da necessidade de escolher a sua própria essência a partir das escolhas de continuar fazendo aquilo que sempre fez, ou não. Portanto, caberá ao narrador-personagem o controle das suas ações e ele adquire consciência através dessa sua situação. Com essas descobertas, a náusea se apresenta como um mal-estar físico da angústia⁴ produto da compreensão da sua liberdade, e da sua relação com a contingência do mundo, com a gratuidade da vida e com a responsabilidade que tem consigo mesmo. Por isso, a náusea é a sensação do narrador-personagem diante da experiência com a sua nova percepção da realidade que lhe aparece.

⁴ Dedicamos no capítulo 2 no subcapítulo *Angústia* uma análise detalhada deste conceito. E, no capítulo 3, no subcapítulo *A angústia* a análise de sua relação com o romance.

Ao descrever detalhadamente o narrador-personagem nos provoca as sensações existenciais expressas por ele. Podemos compreender a partir de Roquentin como a condição da realidade humana é nauseante, em um mundo cujo a existência é indeterminada e na qual descobre-se por se fazer frente as coisas e seus acontecimentos. Somos coisas, com consciência de sê-las, por não termos um ser próprio projetamos para além de nós mesmos aquilo que queremos ser com a liberdade que temos para agir de acordo com as nossas possibilidades de escolhas. Essa consciência que temos de nós mesmos e da realidade que nos cerca, nos angustia diante da responsabilidade com o mundo e com as consequências de nossas ações, e assim o corpo reage através do mal-estar (como verificamos em *A Náusea*) provocado por essa angústia. Esse é o pensamento de Sartre no seu estudo de *O Ser e o Nada*, e no qual se desenvolve conceitualmente por se tratar de uma teoria filosófica, que apreende a condição existencial do ser humano na sua realidade⁵.

2.1.2 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA OBRA FILOSÓFICA

Em se tratando da filosofia em *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (1943), que será o alicerce conceitual de nossas análises nesse texto, Sartre recorre a ontologia fenomenológica⁶ um estudo sobre o ser nas suas dimensões existenciais, objetivando uma teoria do ser humano e sua relação com o mundo, fundamentando a existência desse na ideia de liberdade, ou seja, concebe o ser humano como liberdade de ser no mundo. Sartre apresenta a sua teoria em diálogo com as ideias dos filósofos Husserl e Heidegger, utilizando-os como base para conceber a sua maneira de entender a relação da consciência com a realidade através dos seus fenômenos, elaborando, assim, a sua própria teoria existencialista.

Sartre parte de um mundo constituído por dois tipos de existentes diferentes: o ser Em-si e o ser Para-si, ambos se implicam e constituem a realidade humana. Em linhas gerais, há a descoberta de uma consciência que tem a liberdade como seu modo de existir, a partir de um *Nada* de essência, esse é o Para-si, ou seja, a consciência do ser humano. A consciência necessita

⁵ A seguir veremos melhor da obra *O Ser e o Nada*, bem, como, abordaremos os conceitos da obra filosófica aqui analisados no capítulo 2.

⁶ Weltman (2009, p. 44), citando Sartre, explica: “[...] ‘a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta, quer dizer, sem intermediário’. A fenomenologia, por outro lado, se considerada como o estudo dos fenômenos, não toma mais o fenômeno no sentido reduzido de Husserl, mas como uma das maneiras de captar o Em-si, que não é posto ‘entre parênteses’, mas é fundamento da aparição, estando por toda parte e em parte alguma no fenômeno. Começamos a notar que não apenas ontologia e fenomenologia são perfeitamente compatíveis, mas inseparáveis. A ontologia só existe como fenomenologia e vice-versa”.

de um mundo que exista além do fenômeno que é revelado por ela (realidade das coisas no mundo), e, do qual, é sustentado por um outro ser que é Em-si. Portanto, para Sartre toda consciência é sempre consciência de alguma coisa⁷, pois sem a realidade ela fica sem conteúdo e não pode constituir uma essência. Diante desse *nada* ontológico da consciência cabe ao indivíduo conduzir sua existência definindo um projeto de ser frente as situações que lhe são postas na sua realidade.

Disso, decorre a angústia que acompanha o ser Para-si. A angústia é uma das expressões desse *nada* que é a consciência e o que torna o ser humano livre, é a ameaça da sua liberdade que infesta o ser Para-si. Assim, o indivíduo se vê responsável⁸ por suas escolhas e pelas consequências delas, essas que definirão a essência desse existente, ou seja, aquilo que ele pretende ser. Consequentemente a isso, percebe a responsabilidade que tem diante do mundo, pois, todo projeto de ser individual do Para-si acarretará na escolha dos significados da realidade humana que se cria. Por isso, a máxima sartriana “a existência precede e comanda a essência”, somos inteiramente responsáveis pelo o que nos tornamos⁹.

2.1.3 A CONEXÃO ENTRE AS OBRAS

O romance escolhido para a nossa análise consegue tecer bem essa aproximação com os conceitos da sua teoria filosófica. O ponto de partida em *A Náusea*, é o descobrimento do narrador-personagem diante de uma realidade contingente, começando por refletir mais a existência dos objetos e os seus significados, até questionar a sua própria condição existencial. A maneira com que o narrador-personagem tem conduzido a sua vida com o seu trabalho de historiador, observando também, como vivem os outros personagens, os hábitos dos moradores de Bouville, descobrindo aos poucos que esses se encontram imersos numa existência condicionada, apegados a um passado, a coisas materiais e a status, dos quais apenas escondem toda essa gratuidade da existência. Os costumes serão como um verniz para a realidade, os

⁷ Sartre inicia a sua descrição da consciência remetendo à intencionalidade de Husserl. Toda consciência é intencional, ou seja, é consciência *de* alguma coisa, “posicionamento” de algo que está fora dela. (WELTMAN, 2009, p. 26)

⁸ Uma vez que o ser Para-si vem ao mundo ele é obrigado a escolher, pois não escolher já é uma escolha e terá de continuar existindo nessa realidade. Portanto, a responsabilidade para Sartre ocorre em dois sentidos: na responsabilidade pelas próprias escolhas, pois não há determinismos, por exemplo Deus ou outras entidades; e, a responsabilidade pelas consequências dessas escolhas, pois, nada as justificam, apenas as suas próprias razões. Assim, escolha e responsabilidade são próprios do modo de existir da consciência, diante da qual aparece a angústia que expressa essa condição necessária de seu ser.

⁹ Lembrando, novamente, que é apenas uma prévia do que analisaremos no decorrer deste trabalho apenas para situar a obra. Esses conceitos serão abordados explicitamente no segundo capítulo.

mantem conservados sem se darem conta de que vivem livres, liberdade da qual o narrador-personagem aos poucos descobre ser. Segundo Abrahão (2015, p. 13), para Sartre,

[...] a literatura não existe para simples distração: antes de entreter, o romance tem sua importância essencial pautada na compreensão da maneira de agir do homem, de modo que fazer do texto romanesco simples entretenimento é, segundo Sartre, ignorar o poder inerente a ele, qual seja, revelar o que tentamos a todo custo, por cinismo, por convivência, por ingenuidade, ocultar.

Compreendemos que a literatura para o filósofo não se mostra apenas como um passatempo, tal como a filosofia, possui funções que devem moldar a personalidade do indivíduo que dela se apropriar, ainda mais que o existencialismo aborda questões práticas da vida humana. Uma vez que o narrador-personagem é retratado como um homem comum vivendo o seu tempo com a sua realidade, da mesma maneira, a filosofia de Sartre busca compreender o ser humano na sua perspectiva existencial, no fazer do seu cotidiano, de suas ações e de seu próprio sentido de ser, de maneira que compreenda a própria condição do indivíduo diante da realidade complexa desse mundo humano. Não se trata de uma personificação dos conceitos filosóficos no romance, mas sim, do modo pelo qual o narrador-personagem descreve essas novas sensações por ele sentidas, de maneira que nos faz entender como esse processo é explicado na teoria existencialista de Sartre, e da qual já se encontrava antecedida na sua literatura. Abrahão (2015, p. 17) traz uma perspectiva sobre os escritos do filósofo:

Enquanto filósofo, Sartre propôs uma filosofia da existência que correspondesse às exigências impostas quando um abismo de sentido (e todas as suas consequentes contradições morais, sociais e políticas) se coloca à frente, como um desafio ontológico a transpor a fim de assegurar linhas mestras que deem ao ser humano as balizas que o conduzam ao reconhecimento de sua condição sócio-histórica e à possibilidade de mudá-la positivamente a partir de sua liberdade. Enquanto literato, pautou seus esforços para apresentar personagens em situações extremas, diante de dilemas e problemas inerentes à condição humana, em uma conjuntura que deveria permitir a possibilidade de discutir (a fim de transformar) a realidade, cujas características acarretariam uma consciência infeliz diante da qual o conformismo seria pernicioso.

Assim, é possível identificar também os prenúncios da filosofia sartriana exposta na sua escrita literária, esta que antecedeu seu ensaio filosófico, deixando claro que seu pensamento sempre esteve presente, de maneira menos ou mais elaborada, mas sempre em essência daquilo que ele defendia. Nestas considerações preliminares já encontramos indicativos para traçar o

enredo em que se caracterizará a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, e como o mesmo permeia os acontecimentos descritos pelo narrador-personagem protagonista de *A Náusea*.

Dessa maneira, será contemplado o objetivo deste estudo via uma análise comparativa que visa identificar por via de interpretação¹⁰ algumas passagens que nos remetem a noção de *Nada* (ser Em-si, ser Para-si), da *Liberdade* e da *Angústia*, como conceitos fundamentais da filosofia sartriana. O desafio reside em identificar na sua literatura como o narrador-personagem expressa essas descobertas através dos fatos narrados por ele que ao descrever suas sensações nos remetem a esses principais conceitos de seu existencialismo.

Com isso, há de se questionar se a literatura, neste caso, estaria submissa a filosofia como sua simplificação? Porém, já antecipamos que a área da teoria literária não nos compete neste texto, apenas aceitamos o romance de *A Náusea* com as características de escrito literário que lhe é reconhecida, “uma vez que a literatura pertence ao campo do imaginário, da liberdade criadora, da não-obrigatoriedade de rigor conceitual e lógico-racional” (HILGERT, 2018, p. 228), e que não há submissão entre os dois gêneros de escrita, mas sim, uma complementação do pensamento do filósofo. Diante disso, concordamos com a Hilgert (2018, p. 224) em suas considerações,

A tradição tratou de estabelecer duas principais leituras sobre a relação entre Literatura e Filosofia: i.) uma que considera o romance, o conto e o teatro como metáforas e exemplos ilustrativos às teorias filosóficas de Sartre; ii.) e outra, contrária à primeira, que toma cada obra como um fim em si mesmo sem que haja, assim, hierarquia quer da filosofia sobre a literatura, quer da literatura sobre a filosofia. De antemão, esclareço que me filio à segunda.

A literatura de Sartre não é uma simplificação de suas ideias, seus escritos em si mesmos traduzem o seu modo de entender a existência, seja através da ficção, ou, como teoria filosófica, ambas expressam o pensamento de Jean Paul-Sartre, ainda que de maneiras diferentes¹¹. Ou seja, em cada estilo de escrita (literário e filosófico) do filósofo francês também o seu propósito se encerra na própria obra, quer dizer que, Sartre não justifica sua literatura na filosofia, mas

¹⁰ Por “interpretação” entende-se, neste trabalho, no sentido comum da palavra, que quer dizer analisar trechos da obra literária e encontrar elementos que possam remeter ao pensamento conceitual da filosofia.

¹¹ Para um melhor conhecimento a respeito dessa crítica sobre os gêneros dos escritos de Sartre, recomendo o artigo de Hilgert (2018) que consta em nossa bibliografia, e do qual trazemos uma opinião: “As obras literárias e teatrais de Sartre ocupam um lugar original no conjunto do pensamento do autor na medida em que representam as articulações fundamentais de um *pensamento em movimento* que se encarna em múltiplas formas de expressividade e que não se consolida na inalterabilidade, mas nos desenvolvimentos espiralados, como um *tobogã*, e no movimento constante, como um *pião*.”(HILGERT, 2018, p. 226-227)

que se expressa expondo sempre seu modo de ser existencialista em estilos de escritas diferentes.¹²

A literatura, surgida anteriormente a sua obra filosófica, nos mostra como suas ideias já se encontravam presentes antes mesmo de serem expressas conceitualmente em *O Ser e o Nada*, e isso é revelado pelo próprio filósofo em uma entrevista concedida a Simone de Beauvoir em 1974¹³. Dessa maneira, a literatura e a filosofia de Sartre compõem a essência do ser que ele foi, em sua forma de compreender a existência, e do legado deixado por ele. Portanto, apesar deste texto ser de natureza filosófica por se tratar do conteúdo aqui estudado, não entendemos que haja uma submissão entre os gêneros de escrita, mas Sartre se revela de várias maneiras através deles.

Sendo assim, no próximo capítulo faremos uma exposição teórica apresentando alguns dos principais conceitos abordados no decorrer deste texto, quais sejam: Ser-Em-si, Ser-Para-Si (*Nada*), Liberdade e Angústia. A fim de introduzir o existencialismo de Sartre como preparação para o capítulo posterior, em que analisaremos por interpretação os conceitos juntamente com o enredo de *A Náusea*.

¹² Apesar de não considerarmos existir uma hierarquia entre as obras, neste texto teremos como base a interpretação pela sua filosofia, dando destaque e prioridade aos conceitos do seu existencialismo. Entendemos que há um complemento de seu pensamento ao se expressar nesses estilos de escritas diferentes, e, porque, são, consequentemente, para públicos diferentes.

¹³ Na famosa entrevista concedida a Simone de Beauvoir, em 1974, publicada em *A cerimônia do adeus*, Sartre explica, mais uma vez, como a literatura aconteceu antes da sua filosofia, como nos explica Hilgert (2018, p. 230): “Na época, eu não pretendia escrever livros de filosofia. Eu não desejava escrever o equivalente à *Crítica da razão dialética* ou a *O ser e o nada*. Não, eu queria que a filosofia na qual eu acreditava, as verdades que eu detinha, se exprimissem pelo meu romance” (BEAUVOIR, 1981, p. 203). Sartre foi primeiro um romancista e depois um filósofo, o que significa que seu projeto de escrita, se não precedeu suas concepções filosóficas, ao menos se descobriu no movimento da escrita ficcional, ou seja, as ideias filosóficas se realizaram primeiramente pela via da literatura e do romance e só depois se concretizaram em obras teórico-filosóficas. Certo é, portanto, que a literatura – em especial, *A náusea*, os contos escritos na juventude, posteriormente publicados como *Escritos de juventude*, a coletânea de contos intitulada *O muro* – não poderia ser considerada, com efeito, exemplificação *a priori* de produções filosóficas que seriam engendradas somente mais tarde, o que enfraquece, certamente, ainda mais a concepção exposta acima de que a literatura não passa de ilustração aos conceitos filosóficos.”

3 CAPÍTULO II: CONCEITOS FILOSÓFICOS FUNDAMENTAIS DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE

Nesta primeira seção do texto faremos a exposição de alguns dos principais conceitos que compõe o ensaio filosófico *O Ser e o Nada* (2015) sobre os quais consistirão nas bases da posterior discussão. A importância dessa seção consiste em melhor evidenciar os conceitos abordados no decorrer do trabalho, como, por exemplo, no capítulo em que faremos a análise comparativa via método de interpretação entre os conceitos filosóficos e o romance de *A Náusea* (2016).

Em *O Ser e o Nada*, Sartre mostra que a realidade humana é ôntico-ontológica, ou seja, ôntico no sentido do ser da existência dos objetos na realidade, e, ontológica no sentido da natureza, ou essência, do ser desses objetos. Assim, na sua análise existencial surgem dois tipos de existentes que compõe a realidade, o *ser-Em-si* e o *ser-Para-si*, ambos existem de modos opostos, onde um ser é de plena positividade, e o outro de negatividade, mas que se implicam mutuamente e constroem a realidade humana.

Neste contexto, a *Liberdade* surge como o modo de existir característico da própria consciência (que é ser Para-si), e em decorrência disso a *Angústia* que permeia a existência do ser humano quando esse se descobre existindo sobre a contingência da realidade do mundo, descobrindo-se responsável por si mesmo. Portanto, a seguir veremos como esses conceitos compõe a teoria existencialista de Sartre.

3.1 SER-EM-SI

O ser-Em-si são os objetos da realidade, tanto os inanimados quanto os organismos, tudo que existe, menos a consciência humana (como veremos a seguir), possui existência concreta e são completos de ser. Esses objetos são revelados pela consciência através da aparência de seu ser, ou seja, no *fenômeno de ser*¹⁴. Esse fenômeno de ser que é revelado pela a consciência é

¹⁴ Sartre, ao que tudo indica, deixou ao encargo do Para-si a doação do sentido para toda a realidade, pelo menos na época em que escreveu *O Ser e o Nada*: o fenômeno de ser nos traria até à consciência, que logo se revelaria como o outro ser transfenomenal em relação ao fenômeno (o ser transfenomenal da consciência). Por sua vez, a própria consciência só pode se posicionar em relação a um existente que tenha realidade independentemente dela própria. Caso contrário, o fenômeno seria constituído apenas pela operação da consciência, coisa que faria com que o fenômeno captado deixasse de existir enquanto si mesmo, evanescendo enquanto produto da atividade da consciência, mera projeção; o que terminaria por nos conduzir novamente ao idealismo, que Sartre tanto tentou

fundamentado pelo *ser do fenômeno*¹⁵, do qual a consciência não tem acesso por se tratar de uma existência diferente dela. Os objetos do mundo nos são revelados por aquilo mesmo que são na realidade concreta, e não existe um ser verdadeiro atrás do fenômeno que nos aparece como enfatiza o dualismo¹⁶ na tradição filosófica. Sartre rompe com esse dualismo, e afirma que:

Não significa que o ser se encontre escondido *atrás* dos fenômenos (vimos que o fenômeno não pode mascarar o ser), nem que o fenômeno seja uma aparência que remeta a um ser distinto (o fenômeno é enquanto aparência, quer dizer, indica a si mesmo sobre o fundamento do ser). As precedentes considerações presumem que o ser do fenômeno, embora coextensivo ao fenômeno, deve escapar à condição fenomênica – na qual alguma coisa só existe enquanto se revela – e que, em consequência, ultrapassa e fundamenta o conhecimento que dele se tem. (SARTRE, 2015, p. 20)

Ainda que não há dualidades no mundo, esse fenômeno de ser é sustentado por um ser próprio, o *ser do fenômeno*, que existe independente de ser revelado por uma consciência e é o que garante o acesso a sua existência real no mundo. Esses objetos possuem existência plena em si mesmos, pois não deixam de existir quando não vistos, do mesmo modo que não se encerram em uma só aparição. Esse tipo de ser existe além e independente do conhecimento que a consciência possa ter dele, por isso que é um ser completo, pois para existir ele não busca e nem necessita se fazer de outra coisa (SARTRE, 2015, p. 39), é o que é, está aí no mundo e se conserva no mundo. Para Sartre, a consciência revela um ser que já existe, são seres transfenomenais (SARTRE, 2015, p. 35), pois existem além de seu fenômeno, enquanto a consciência é revelação-revelada de um ser que não é ela, revelando um ser que não depende dela para existir.

Para que a consciência tenha conhecimento do mundo em geral, as coisas devem existir por um ser próprio, e que seja além daquilo que a consciência possa saber dele, um ser que está fora da consciência e é preciso que exista, caso contrário tudo seria abstração, produto da

superar. Ora, mas nada se passa desse jeito. O fenômeno de ser é o ato pelo qual o ser nos é revelado em bruto. É o próprio ser da aparição, aquele que se apresenta a quem se fizer presente como algo que pode ser apreendido de maneira imediata. (AIRES, 2007, p. 19-20)

¹⁵ O *ser do fenômeno* é o que dá fundamento a existência do *fenômeno de ser*. O fenômeno se mostra de várias maneiras para a consciência de um sujeito que está em constante transformação no mundo, o *ser do fenômeno* é o que faz com que um objeto exista independente da consciência revelá-lo, e, somente por isso, a consciência pode manter relação com o seu *fenômeno de ser* como aquilo que lhe aparece na realidade.

¹⁶ O dualismo na tradição filosófica considera que há duas entidades opostas na realidade, como mente e corpo, mundo material e mundo imaterial. Nessa corrente se encontram os filósofos Platão, Descartes, entre outros. Sartre, portanto, nega existir potências ocultas por trás dos entes da realidade, eles se apresentam para a consciência com todo o seu ser.

própria consciência. Desta maneira, esse ser próprio do fenômeno no qual a consciência se relaciona, é o Em-si da realidade do mundo.

Essa manifestação do mundo físico com as coisas que existem nele não traz uma essência própria como parte de sua existência, o Em-si só está no mundo, existe de modo totalmente contingente e não mantém relação alguma com o mundo, é o que é¹⁷. Para Sartre, “um existente fenomênico, enquanto existente, jamais pode ser derivado de outro existente. É o que chamamos a *contingência* do ser-Em-si” (SARTRE, 2015, p. 39), ou seja, não tem necessidade de existir de tal forma, podem ser assim como também poderiam não ser, não há um criador que explique a existência do porquê do ser, ele simplesmente é. Para Perdigão (1995, p. 37),

O Ser aparece como algo que *está aí*, sem que saibamos por que, algo cujo existir só podemos entender como absoluta contingência. Contingente no sentido de *não necessário*: nada parece impor ou justificar o aparecimento do Ser, nenhum sinal nos indica qualquer razão para que o Ser exista e seja o que é, e não de outra maneira. Contingente no sentido de que este Ser – o mundo que existe, e não outro – poderia ser diferente. A existência das coisas acontece desse modo, como poderia acontecer de outro, ou mesmo não acontecer. Não temos onde encontrar uma “causa primeira” para o Ser.

A contingência, na filosofia de Sartre, é a própria condição do mundo, o mundo e tudo nele é regido pela contingência. É a consciência que captura o objeto e o significa na estrutura da realidade humana, e por isso atribui essência a esses objetos através do sentido dado a eles pela utilidade, pelas suas funções e características, que somente a consciência é capaz de associar. Para Sartre, o fenômeno é o sentido atribuído a esse ser pela consciência, mas o ser¹⁸ que sustenta a existência desses objetos é apenas Em-si, e nada mais. O Em-si, segundo o filósofo possui três características: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (SARTRE, 2015, p. 40). É plena positividade de ser.

Em seguida será apresentada uma exposição de como é a estrutura da consciência, do ser Para-si.

¹⁷ É o que é; isso significa que, por si mesmo, sequer poderia não ser o que é; vimos, com efeito, que não implicava nenhuma negação. É plena positividade. Desconhece, pois, a *alteridade*; não se coloca jamais como outro a não ser si mesmo; não pode manter relação alguma com o outro. É indefinidamente si mesmo e se esgota em sê-lo. (SARTRE, 2015, p. 39)

¹⁸ O conjunto “objeto-essência” constitui um todo organizado: a essência não está no objeto, mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam. Mas o ser não é nem uma qualidade do objeto captável entre outras, nem um sentido do objeto. (SARTRE, 2015, p. 19)

3.2 SER-PARA-SI

A consciência aparece no mundo através do corpo que faz parte da realidade Em-si, e este faz a ligação entre o mundo e o surgimento da consciência que só existe no corpo e segundo as necessidades desse corpo, mas, que, assim como os objetos, estará sujeito as condições da sua realidade. Porém, a consciência nela mesma possui um ser oposto ao ser dos objetos. É para o ser da consciência que o mundo aparece e se organiza em forma de mundo. O ser-Para-si¹⁹ é o ser da consciência, um existente que se faz diante do ser²⁰, e para além do seu próprio ser, ou seja, é possibilidade de ser e nunca se encerra em um ser completo.

O Para-si *não é ser* antes de aparecer no mundo, “a consciência é anterior ao nada e ‘se extrai’ do ser” (SARTRE, 2015, p. 27), quer dizer que é partindo da realidade que se apresenta a ela pelos Em-si onde começa a dar conteúdo e significado a sua existência, com isso preenchendo uma essência. Portanto, a consciência não tem um ser pronto, como outros seres da realidade. Ela transcende o mundo do Em-si significando-o e dando forma a consciência através do conhecimento e da percepção de si, por isso ela é pura transcendência²¹, pois busca na realidade o significado das coisas (Em-si), essas que fundamentam a sua essência. Para Sartre “a transcendência é estrutura constitutiva da consciência, quer dizer, a consciência nasce tendo por objeto um ser que não é” (SARTRE, 2015, p. 34), desta maneira não há para a consciência um ser que lhe seja, ou será próprio, pois todo conteúdo possível que venha a ter será de um ser de fora dela, será de um existente diferente, do Em-si.

A consciência existe enquanto consciência de mundo, é sua característica de intencionalidade²² que a torna sempre voltada para os objetos, através do qual ela abstrai a sua

¹⁹ Sartre chama a consciência de *Para-Si*, pois se trata de uma relação de si *para* si. O Para-si (expressão que define a consciência como distância ao Ser) sugere o que seria uma degeneração, uma “doença” do Ser: é o Ser que experimenta uma desorganização interna, rompe-se e se descola de si [...] Quando o Em-si se rompe para converter-se em Para-si, ocorre não a destruição, mas a “aparição” mesma do mundo: a consciência faz com que o mundo surja diante dela como existente. (PERDIGÃO, 1995, p. 39)

²⁰ [...] o Ser é uma categoria geral que abrange todos os existentes [...] (PERDIGÃO, 1995, p. 40)

²¹ Aires (2007, p. 20) citando Sartre, mostra essa relação da transcendência do ôntico para o ontológico que sustenta o surgimento da consciência: “[...]o sentido do ser pertence a consciência que, por sua vez, possui a característica da transcendência que nada mais é do que ‘transcender o ôntico rumo ao ontológico’ (SN, p. 35). Nesse sentido, o ser pertenceria ao plano do ôntico (do ser-Em-si), enquanto o sentido do ser ficaria ao encargo do Para-si, na proporção em que se revela à consciência enquanto fenômeno de ser.”

²² Para Sartre (2015, p. 22): “Toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela se esgota nesta posição mesma: tudo quanto há de *intenção* na minha consciência atual está dirigido para o exterior, para a mesa; todas as minhas atividades judicativas ou práticas, toda a minha afetividade do

essência, ou seja, ela nasce de um ser oposto ao dela e se sustenta a partir desse ser. É o que Sartre chama de “prova ontológica”, significa que a consciência constata a existência de objetos no mundo, fora da consciência, como caracteriza o Em-si²³. Ao mesmo tempo que o Para-si requer um mundo exterior a ela para que possa existir, ou seja, dos objetos da sua realidade, a consciência não se reconhece como parte do ser desses objetos, e nem em si mesma, pois empresta uma essência prévia do ser Em-si, portanto, de um ser emprestado²⁴.

Isso causa uma estranheza no ser do Para-si diante das coisas e de si mesma, pois ela não possui um ser próprio mas existe diante do ser, estando sempre voltada a um ser que não é ela e no qual ela própria não se reconhece, e isso, para Sartre, é devido a uma “fissura” sempre aberta no meio do ser do Para-si, como afirma,

[...] a presença a si pressupõe que uma fissura impalpável deslizou pelo ser. Se o ser é presença a si, significa que não é inteiramente si. A presença é uma degradação imediata da consciência, pois pressupõe separação. Mas, se indagarmos agora “que é que separa o sujeito de si mesmo?”, seremos obrigados a admitir que é nada. (SARTRE, 2015, p. 126)

“Essa fissura é o negativo puro” (SARTRE, 2015, p. 126), é o *nada* de ser ontológico da consciência²⁵. Para Sartre o Para-si tem de ser o seu próprio *nada*, e com isso, detém o poder de *nadificar* o ser, buscando outras maneiras de se relacionar com a sua própria existência já que “o ser da consciência, enquanto consciência, consiste em existir *à distância de si* como presença a si” (SARTRE, 2015, p. 127), essa distância que o Para-si tem do ser faz com que esteja constantemente em busca do ser, como que para preencher essa sua fissura, mas que

momento, transcendem-se, visam a mesa e nela se absorvem. Nem toda consciência é conhecimento (há consciências afetivas, por exemplo), mas toda consciência cognoscente só pode ser conhecimento de seu objeto”.

²³ “A existência do ser do fenômeno é demonstrada a partir do cogito pré reflexivo, através do que Sartre chama de ‘prova ontológica’. Ela nos comprova que a consciência tem necessidade do ser do fenômeno, que o que aparece não exista somente como aparência, mas que seja Em-si, fora da consciência, para que ela mesma exista tal como ela é. Sartre inicia sua descrição da consciência remetendo à intencionalidade de Husserl. Toda consciência é intencional, ou seja é consciência *de* alguma coisa, ‘posicionamento’ de algo que está fora dela” (WELTMAN, 2009, p. 26). A autora cita um conceito não abordado neste trabalho o “cogito pré reflexivo”, apesar de sua verdadeira importância na teoria de Sartre, ficaria demasiado longa a discussão caso abordássemos outros conceitos correndo o risco de deixá-los superficiais no texto. Portanto, optamos por trabalhar diretamente os conceitos já apresentados no decorrer deste do estudo.

²⁴ “Isso porque o objeto primeiramente não guarda nenhum significado, apenas é e pronto; o ser ainda lhe será emprestado pela consciência, que por sua vez fará isso a partir de um fora, através do fenômeno de ser que, por seu turno, fornece o material para que o ser do fenômeno possa ser desvelado” (AIRES, 2007, p. 22), ou seja, o sentido dado ao objeto na sua transcendência, enquanto seres transfenomenais.

²⁵ [...] *o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada*. E por isso deve-se entender não um ato nadificador, que requisasse por sua vez um fundamento no Ser, e sim uma característica ontológica do Ser requerido. (SARTRE, 2015, p. 65)

nunca se completa já que a consciência é distância constante de si mesma enquanto um ser fixo e imutável.

O ser Para-si existe dentro do mundo se movimentando e modificando a sua realidade, dando outros significados a sua própria existência. Isso só é possível porque o Para-si não se assemelha as coisas do mundo, não se reconhece como o Em-si, como completo, essa é a negação interna que a consciência faz, e, a partir da qual, ocorre o ato *nadificador* do ser, quer dizer, “ao recuar diante do Ser, a consciência afeta-se de um caráter de negação, injetando a nadificação na plena positividade do Ser. Ocorre, portanto, um *recuo nadificador*, qualquer que seja o modo de manifestação da consciência” (PERDIGÃO, 1995, p. 41). O *recuo nadificador*²⁶ é uma característica própria do modo de existir da consciência, é como ela se coloca frente ao ser negando-o e estabelecendo outras relações com esse ser, pois, ao negar-se ela ressignifica sua relação a partir de um projeto próprio dela²⁷.

Para Sartre é o próprio ato da consciência de interrogar pelas coisas na realidade que demonstra esse recuo nadificador que a deixa em suspenso entre o *ser* e o *não ser*, tanto no mundo ao constatar a confirmação ou a negação na realidade, quanto no seu próprio ser que se coloca frente à espera da resposta dessa indagação²⁸. Ou seja, o *nada* vem ao mundo através do ser que o Para-si empresta do Em-si quando o indaga, como explica Perdigão (1995, p. 41):

Quando perguntamos “porque isso é assim”, lançamos sobre o objeto da indagação e sobre nós mesmos a negatividade: queremos saber por que isso é assim e *não* de outro modo; e, se perguntamos, é porque *não sabemos* a resposta. Portanto, não é um juízo negativo que faz o Nada vir às coisas, mas o oposto: é o Nada (da consciência) que condiciona e sustenta qualquer juízo negativo.

O *nada* não pode vir ao mundo a não ser sustentado por um ser, e no qual o *nada* já lhe seja fundamental a sua existência, e o Para-si é o seu próprio *nada*. Na medida em que

²⁶ Dito de outro modo, no “recuo nadificador”, que se dá através da temporalidade, o Ser pode desgarrar-se do Ser, por nadificá-lo, e assim nadificar-se também enquanto interrogador em um duplo processo de nadificação que, por sua vez, coloca o interrogador, uma vez também nadificado, como uma ponte entre o ser e o não-ser, sendo ele próprio também nadificado em relação ao interrogado. (AIRES, 2007, p. 29)

²⁷ O modo como o ser Para-si se estabelece projetando-se no futuro é o princípio do qual ele existe diante de si, buscando ser, enquanto escolhe entre os seus possíveis. Esta ideia será melhor trabalhada no segundo capítulo no tópico *Liberdade*.

²⁸ [...] o homem que eu sou, se o apreendo tal qual é neste momento no mundo, descubro que se mantém frente ao ser em uma atitude interrogativa. [...] Toda interrogação presume, pois, um ser que interroga e outro ao qual se interroga. [...] Para o investigador existe portanto a possibilidade permanente e objetiva de uma resposta negativa. Com relação a isso, aquele que interroga, pelo fato mesmo de interrogar, fica em estado de não determinação: não sabe se a resposta será afirmativa ou negativa. Assim, a interrogação é uma ponte lançada entre dois não seres: o não ser do saber no homem, e a possibilidade de não ser, no ser transcendente. (SARTRE, 2015, p. 44-45)

transcende o mundo do ser Em-si a consciência estabelece uma relação com esse ser (fora da consciência), nadificando o já existente ao colocá-lo em questão, assim modificando seu vínculo com ele e causando a mudança na sua realidade, vendo nos objetos outras possibilidades que não existem de fato.

Isso ocorre porque o Para-si busca uma completude do seu próprio ser, porém, se concebe como presença a si e nunca alcança o ‘si’ que o tornaria completo em existência, “o que falta ao Para-si é si – ou o si-mesmo como Em-si” (SARTRE, 2015, p. 139). A falta de ser que o Para-si carrega traz ao mundo o *nada*, e disso, a possibilidade de mudar a sua realidade. A consciência enquanto ser Para-si é um projeto de ser para além de si mesma, e que nunca finda na sua existência, apenas a morte encerra a essência do Para-si. Essa fissura que o torna sempre em busca de ser deixa-o livre para conceber-se a sua maneira, em escolha de sua própria essência. E por isso, o modo de ser próprio da consciência é ser em *liberdade*, como veremos a seguir.

3.3 LIBERDADE²⁹

Se, ao contrário do Em-si que é fechado em si mesmo, sem fissuras, *é o que é* e não necessita de mais nada para ser, a consciência (ser Para-si) enquanto falta de ser deve construir sua própria essência diante do mundo que lhe é revelado. Dessa maneira, a existência do Para-si só se torna possível porque a *liberdade* é seu próprio modo de ser³⁰.

Para Sartre, a liberdade se identifica com a existência do ser humano. Dada a nadificação que engendra diante dos existentes já se entende que tenha por pressuposto que seja livre, para o filósofo:

A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos de

²⁹ O conceito de Liberdade que se traduz no modo do ser Para-si engendrar seu ser no mundo enquanto tentativa de uma fundamentação de *si*, é o conceito que rege a base da filosofia de Sartre, ao menos nas obras estudadas aqui. Por isso, é um conceito complexo para ser resumido nessas poucas páginas. A Liberdade envolve tudo que *é* e que *será* o Para-si diante de seu *nada*. Portanto, neste tópico iremos nos limitar a tratar desse conceito discorrendo somente sobre aquilo que necessitaremos para os objetivos deste trabalho.

³⁰ A forma de existir da realidade humana, definida como nada de ser, já se propõe como liberdade, pois, no torvelinho das muitas possibilidades disponíveis de ser, dizer que o homem, ou sua estrutura ontológica, o ser-Para-Si, é nada, é sublinhar sua inteira falta de determinação, logo, sua perpétua possibilidade de vir a ser sem outra coisa que o determine senão aquele nada, que não é uma coisa, como pano de fundo de sua liberdade. (AIRES, 2007, p. 30)

liberdade não pode se diferenciar do *ser* da “realidade humana”. O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o ser do homem e seu “*ser-livre*.” (SARTRE, 2015, p. 68)

A liberdade acontece sempre na relação do Para-si com o Em-si. Já constatamos que a consciência enquanto intencionalidade é diretamente dependente do fenômeno de ser das coisas que são reveladas por ela. Essa afetação que recebe de fora a coloca diante do Em-si apreendendo em sua maneira de ser atual, porém, em sua negação interna, ao negar ser como aquilo que lhe aparece, ela se distancia de seu próprio fundamento dado nessa primeira relação com o objeto, pois escapa de si mesma para manifestar outras maneiras de se relacionar com esse Em-si. Esse “escapar-se” só é possível porque a liberdade aparece como as múltiplas possibilidades³¹ das maneiras de ser do Para-si, da consciência não estar presa e condicionada em uma só maneira de existir (como é o Em-si na realidade), realizando seu próprio ser através da liberdade de se relacionar com as coisas e consigo mesma.

Isso ocorre, pois, para Sartre a consciência não possui estatuto ontológico como as coisas do mundo. O ser Para-si não é uma adequação de si mesmo, mas existe diante de si, onde a fissura (ou o Nada) é a abertura que o caracteriza, ela sempre será possibilidade de ser, sem, de fato, ser por completo em algum momento. Essa falta do ser a faz idealizar uma completude de ser como o Em-si, mas o *si* do Para-si é estar frente a si mesmo, é um eterno ir ao mundo buscando nele os meios de realizar sua existência através da liberdade que lhe é ontológica. Por isso, dizer que o indivíduo *é* esta coisa na sua atualidade, é entender que poderá vir a ser outra coisa além disso.

O conceito filosófico de liberdade para Sartre equivale a “liberdade de escolha” (SARTRE, 2015, p. 595). Isso significa que é na ação, ou melhor, no ato de escolher, que o Para-si nadaifica o seu nada e coloca luz sobre seus possíveis. A partir disso, o Para-si deve escolher o que vai dar sentido a sua existência. Para o filósofo francês não existe diferença entre ser livre e agir, pois agir já pressupõe a liberdade, o Para-si, então, deve agir de acordo com as possibilidades que lhe estarão dispostas³².

Desta maneira, “ao invés de ser o que é, aos moldes do Em-si, o Para-si *deve ser*, isto é, deve criar constantemente seu modo de ser” (SILVA, 2010, p. 69-70), portanto, se vê obrigado

³¹ É por sua própria liberdade que o Para-si desvela diferentes pontos de vista sobre a coisa, a cada ato negador desvela-a por um perfil. Trata-se de uma negação concreta, que se realiza como uma maneira específica de não ser o Em-si, negar significa negar *de uma certa maneira*. (WELTMAN, 2009, p. 72)

³² [...] a realidade humana não é primeiro para agir depois; mas sim que, para a realidade humana, ser é agir, e deixar de agir é deixar de ser. (SARTRE, 2015, p. 587)

à ação. “Condenado a ser livre” como expressa uma das máximas sartriana, o ser humano vem ao mundo e a partir do vazio de essência da consciência tem a seu favor a liberdade para construir-se, dispondo de sua realidade e das possibilidades concretas que ela comporta. Esse “construir-se” pressupõe que um projeto seja estabelecido. Para o filósofo o “projeto de ser”³³ é o que motiva o Para-si nas escolhas de suas ações futuras que não ocorrem de maneira aleatória, mas sim, como o projeto de um futuro “eu” no qual o fim desse projeto é uma tentativa de ser aquilo que se propôs na busca por preencher essa falta. Para Sartre (2015, p. 543):

[...] somente pelo fato de ter consciência dos motivos que solicitam minha ação, tais motivos já constituem objetos transcendentos para minha consciência, já estão lá fora; em vão buscaria recobrá-los: deles escapo por minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre Para-além de minha essência [...]

A partir das condições dispostas e dos motivos³⁴ que a consciência entende como propulsora de suas ações (na nadificação interna), essa busca pelo ser do fundamento modifica sua relação com as coisas transcendendo a si mesma em busca de sua realização, mas que não se dará concretamente, pois, ainda estará para além de ser por completo na efetivação dessa escolha, e assim, para além de uma essência predefinida pelo seu projeto de ser em sua relação atual com o Em-si³⁵. Dessa maneira, não se entende aqui uma liberdade espontânea, aleatória e sem compromissos. Uma vez que a consciência revela o mundo, ela revela um estado atual da realidade que a cerca, essa liberdade estará de acordo com essa sua situação³⁶ onde haverá

³³ Toda estrutura do tipo Em-Si é uma massa amorfa, inominável e sem significação em si mesma. A situação em que nos encontramos, a realidade objetiva, as escolhas que fizemos no passado, etc., são fatos irrefutáveis, mas, na sua neutralidade e inércia, não são capazes de motivar os nossos atos. Pelo projeto, o Para-Si vai ao futuro e esse fim visado retrocede para iluminar a situação presente. Logo, repetimos, é o Para-Si que atribui sentido às coisas e delas faz um “motivo” para o seu ato. (PERDIGÃO, 1995, p. 94)

³⁴ Sobre os motivos e móbeis da ação segundo o próprio filósofo: “Considera-se comumente como *motivo* a razão de um ato, ou seja, o conjunto das considerações racionais que o justificam[...] O móbil, ao contrário, é considerado comumente como um fato subjetivo. É o conjunto dos desejos, emoções e paixões que me impele a executar certo ato”. (SARTRE, 2015, p. 551-552)

³⁵ É através da negação realizada pela consciência, por meio da qual ela nega a si mesma fazendo-se também consciência de algo, que o mundo recebe seus contornos de mundo. Quando a consciência entra em cena, o Em-si bruto, que permanecia na mais sombria escuridão, é iluminado pela consciência, que então, irradiando sua luz sobre o mundo, faz surgir o fenômeno e seus diferentes modos de aparição, como qualidades, quantidade, temporalidade, potencialidade, utensilidade, etc. (WELTMAN, 2009, p. 56)

³⁶ Para ilustrarmos a noção sartriana de situação, podemos lançar mão do seguinte exemplo: a liberdade de um indivíduo negro, pobre, morador de favela, etc., não pode ser comparada, *em termos de situação*, com a liberdade de alguém que nasceu numa família abastada, com acesso a uma boa educação, etc. Ambos são certamente livres, mas seus projetos existenciais diferem em termos de possibilidades. Contudo, ambos devem escolher-se a partir da situação que se lhes apresenta, isto é, devem engendrar suas escolhas neste mundo e em nenhum outro. Ao definir o homem como liberdade e como um ser que responde por essa mesma liberdade, a filosofia sartriana desemboca, mais uma vez aqui, na ação. (SILVA, 2010, p. 24)

resistências que coagirão sua liberdade e afetarão suas escolhas, mas que, sem as quais, a ideia de liberdade se quer poderia existir, como nos mostra Perdigão (1995, p. 87-88):

Em outros termos: a liberdade precisa de um campo de resistência do mundo. Sem obstáculos não há liberdade. Para que haja liberdade, algo deve separar a concepção de um ato da realização concreta desse ato, apartando o projeto de seus fins. Só somos livres porque o fim a realizar se acha separado de nós pela existência real do mundo. Ao agirmos, nossa liberdade se faz precisamente ao sofrer a adversidade do real e as pressões de força do mundo; faz-se no esforço despendido para realizar no mundo o nosso projeto; faz-se quando nos engajamos em uma situação.

Desta maneira, por não escolher as condições nas quais a consciência apareceu no mundo através do seu corpo (condições sociais, físicas, históricas, etc...), tudo vai lhe servir de direcionamento para que seu projeto fundamental se realize em livre escolha considerando essas situações particulares. Os únicos limites encontrados na liberdade serão aqueles que ela mesma colocará (PERDIGÃO, 1995, p. 104). O corpo é o suporte para que a consciência (que também é corpo) exista e direcione a existência do ser Para-si, com isso o indivíduo irá se conduzir em direção a aquilo que escolher, já que a consciência está sujeita as necessidades desse corpo, sem o qual ela não poderia realizar sua existência,

O homem encontra-se enraizado no mundo do qual se distancia em consciência. Como dissemos, a realidade humana é ôntico-ontológica. O corpo que somos nos impõe a necessidade de agir entre os objetos, utiliza instrumentos para certos fins e nos deixa à mercê dos coeficientes de adversidade ou de utilidade do mundo. Se pudéssemos conceber uma consciência sem corpo, nenhum projeto teria cabimento, porque já não haveria possíveis, mas realidades instantâneas, como no imaginário ou no sonho. (PERDIGÃO, 1995, p. 88)

Ou seja, como afirma Perdigão, a liberdade do ser Para-si se contextualiza diante da consistência da realidade do mundo, do Em-si, é pelo fenômeno desse ser revelado pela consciência que o indivíduo engendra a sua existência a partir das condições em que se situa, e no qual o corpo se torna seu mecanismo de ação no mundo. Ainda, segundo Perdigão (1995, p. 88), “sendo a consciência também corpo, e não pura abstração, é a ação desse corpo que separa o esboço de um projeto da concretização desse projeto”. Por isso, o corpo limita-se as adversidades do mundo, mas a liberdade se efetiva de fato porque existem esses obstáculos, não existe liberdade sem escolhas, e escolher é negar outras possibilidades de se realizarem, se tudo fosse possível já não haveria a escolha por algo, e a ideia de liberdade se desvaneceria.

Assim, tudo que envolve as ações da consciência diz respeito a uma finalidade futura³⁷, “com relação à consciência, tudo o mais é passado. Estou para além de tudo o que faço, sempre futuro com relação a mim mesmo” (PERDIGÃO, 1995, p. 81). Por isso, ao definir algum sentido pra si o indivíduo age mudando a sua realidade concreta, e dessa maneira estará escolhendo a realidade na qual cada projeto de ser individual do Para-si tenderá a significar e a sustentar a estrutura da realidade humana, definindo significados para sua existência e conseqüentemente para o mundo.

Escolhemos o mundo - não em sua contextura Em-si, mas em sua significação – escolhendo a nós mesmos. Pois a negação interna, pela qual, ao negar que somos o mundo, fazemo-lo aparecer enquanto mundo, só pode existir se for ao mesmo tempo projeção rumo a um possível. (SARTRE, 2015, p. 571)

É o Para-si que separado da positividade do ser pelo vazio que carrega, ao recuar nadificando-se destitui as razões de ser dada às coisas da sua realidade atual, e ao retomar pra si o fenômeno do ser copresente resulta em outra ordenação para essa realidade, apresentando novas perspectivas sobre o Em-si e mudando a realidade. Uma vez que entendemos o ser do Para-si como liberdade de ser no mundo, entendemos que a liberdade é escolha por um possível e a um fim (futuro), assim, a liberdade temporaliza o ser. Ou seja, segundo o filósofo existencialista, apenas a consciência se constitui temporalmente³⁸, é parte da sua intra-estrutura existir sobre o modo passado, presente e futuro. Existindo diante de si (futuro), ela é constantemente nadificação de si mesma como ser, desta forma, para Sartre o ser da consciência é sobre a forma “tendo-sido” (SARTRE, 2015, p. 79). Quer dizer, o passado é aquilo que o seu ser foi e que já constitui parte da essência do Para-si, enquanto o presente é a consequência das ações desse passado. *Ser* do ser Para-si é existir no tempo presente, mas sempre em fuga de um estado de ser definido, pois já se torna o seu passado, o Em-si do Para-si. Sartre define o tempo *presente* como:

³⁷ Por exemplo: se observar neste momento ao ler este texto, a ação de lê-lo diz respeito a um fim no futuro, seja o de apreciar o conteúdo, de querer avalia-lo para outro fim futuro, ou, qualquer outra coisa. Acontece que algo motivou a sua leitura, e esse motivo prevê uma finalidade. “Portanto, ao agir, disponho de meios com vistas a um fim não existente, realizo um projeto com vistas a um resultado final, uma totalidade, que só existe no futuro” (PERDIGÃO, 1995, p. 82). Assim se move o ser Para-si, sempre em transcendência de si mesmo em ato, de acordo com uma escolha livre pautada num projeto a realizar, que se deu a partir da situação da sua realidade escolhendo uma dentre as possibilidades que tinha.

³⁸ Assim, a temporalidade não é um tempo universal que contenha todos os seres e, em particular, as realidades humanas. Não é tampouco uma lei de desenvolvimento que se imponha de fora ao ser. também não é o ser, mas sim a intraestrutura de ser que é sua própria nadificação, ou seja, o *modo de ser* próprio do Para-si. O Para-si é o ser que tem-de-ser seu ser na forma diaspórica da temporalidade. (SARTRE, 2015, p. 199)

O Para-si é presente ao ser em forma de fuga; o Presente é uma fuga perpétua frente ao ser. Assim, determinamos o sentido primeiro do Presente: o Presente *não* é; [...] Mas o presente não é somente não ser presente do Para-si. Enquanto Para-si, este tem seu ser fora de si, adiante e atrás. Atrás, *era* seu passado; adiante, *será* seu futuro. É fuga fora do ser copresente e do ser que era, rumo ao ser que será. Enquanto presente, não é o que é (passado) e é o que não é (futuro). (SARTRE, 2015, p. 177)

Já que o presente é constantemente movimento e mudança do Para-si, isso significa que escapa ininterruptamente de uma certa maneira de ser no mundo e de ser si mesmo. Nesse sentido, a consciência captura o tempo presente como presente ao ser que é, e deixando de sê-lo em seguida;

O passado que sou, tenho-de-sê-lo sem nenhuma possibilidade de não sê-lo. Assumo sua total responsabilidade, como se pudesse modificá-lo, e, todavia, não posso ser outra coisa senão ele. [...] E a relação de ser que tenho de sustentar com o passado é uma relação do tipo do Em-si [...] Mas, por outro lado, não sou meu passado. Não, o *sou* já que eu o *era*. (SARTRE, 2015, p. 169)

A situação também constitui um passado de mundo que o Para-si terá de superar. O indivíduo aparece em um mundo já criado, para então, a partir das significações já construídas na realidade humana (como as coisas e seus significados, os valores sociais, a moda, a política, etc), das quais, o Para-si em seu projeto de ser livre escolhe consciente de aceita-las ou negá-las. Diante dessas múltiplas complexidades de sentidos possíveis caberá a ele idealizar, o que, de fato, vai fazer sentido para si. No existencialismo de Sartre, nem mesmo o passado do indivíduo pode servir de limitação nas suas ações no presente. O passado não está mais condicionado a existência da consciência atual, todo o passado encontra-se atrás dele, fechado e completo, sem possibilidades de mudanças como ser Em-si, nesse sentido segundo o filósofo

Ser, para o Para-si, é nadificar o Em-si que ele é. Nessas condições, a liberdade não pode ser senão esta nadificação. É através dele que o Para-si escapa de seu ser, como de sua essência; é através dela que constitui sempre algo diverso daquilo que se pode *dizer* dele, pois, ao menos é aquele que escapa a esta denominação mesmo, aquele que já está além do nome que lhe dá ou da propriedade que se lhe reconhece. (SARTRE, 2015, p. 543)

Enquanto o seu passado não pode ser um condicionante das ações futuras do Para-si, este, ao agir escolhendo entre um dos seus possíveis desvencilha-se do seu ser passado num recuo nadificador, voltando ao *nada* e transformando-se em ser novamente na escolha imediata

que faz, a consciência escapa de uma essência pré-estabelecida (que fica no passado) para fundamentar-se novamente no próximo ato, e assim sucessivamente. O que separa um estado de outro estado da consciência de ser é exatamente esse *nada* (o indeterminado). Ontologicamente é dessa maneira que existe o ser humano, nas palavras de Sartre:

Enquanto meu estado presente for prolongamento do estado anterior, qualquer fissura pela qual puder deslizar a negação estará inteiramente fechada. Todo processo psíquico de nadificação implica, portanto, uma ruptura entre o passado psíquico imediato e o presente. Ruptura que é precisamente o nada. (SARTRE, 2015, p. 70)

E, complementa:

[...] é necessário que o ser consciente se constitua com relação ao seu passado separado dele por um nada; que seja consciente dessa ruptura de ser, não como fenômeno padecido, e sim como estrutura da consciência que é. A liberdade é o ser humano colocando seu passado fora de circuito e segregando seu próprio nada. (SARTRE, 2015, p. 72)

Dito isto, a liberdade seria essa maneira do ser de apartar-se de si mesma como fundamento, e transcender a outro estado das coisas numa tentativa de preencher sua fissura. Logo, o indivíduo se projeta para além de si visando novos sentidos para a própria existência, e age no mundo em busca constante desses sentidos que não se limitam naquele estado atual de sua consciência. Por isso ele se temporaliza, pois é presença a si e nunca o “si” por completo, o passado constitui sua essência, mas não a encerra naquilo, ela continua existindo no presente em transcendência constante de si mesma para o futuro.

Se a existência precede a essência do indivíduo significa que para Sartre não há um anterior a esse ser, ela é originalmente “possibilidade de ser”. O ser Para-si é livre para ir ao seu passado e iluminar seus objetivos futuros definidos pelo seu projeto, podendo mudar o seu sentido a qualquer momento. Diante de tantas possibilidades e significados oferecidos pela realidade individual, ele será obrigado a escolher um desses possíveis para se constituir, negando todas as outras possibilidades, o que acarreta na responsabilidade por se tornar aquilo que é, e pelas consequências dessas escolhas. Uma vez que a consciência não é seu próprio fundamento mas é derivada da sua experiência com o ser Em-si e sua contingência³⁹, o Para-si vive sua facticidade no mundo,

³⁹ [...] o Para-si é o Em-si que se perde como Em-si para fundamentar-se como consciência. Assim, a consciência obtém de si própria seu ser consciente e só pode remeter a si mesma, na medida em que é sua própria nadificação:

[...] por um lado, com efeito, se é necessário que eu seja em forma de ser-aí, é totalmente contingente que assim seja, porque não sou fundamento de meu ser; por outro lado, se é necessário que eu seja comprometido neste ou naquele ponto de vista, é contingente o fato de que só posso sê-lo em um desses pontos de vista, com exclusão de todos os outros. É esta dupla contingência, encerrando uma necessidade, que denominamos *facticidade* do Para-si. (SARTRE, 2015, p. 391)

Neste sentido, Sartre complementa que,

É o que *resta* de Em-si no Para-si como facticidade e é o que faz com que o Para-si só tenha uma necessidade de fato; ou seja, o fundamento de ser *ser-consciência* ou *existência*, mas de modo algum pode fundamentar sua *presença*. Assim, a consciência não pode, de nenhuma forma, impedir-se de ser, e, todavia, é totalmente responsável pelo seu ser. (SARTRE, 2015, p. 134)

Entendemos, que o Para-si vive sua facticidade em razão de não poder ser seu próprio fundamento, e ter de ser escolha negando outras tantas possibilidades, concebendo-se como responsável pelo seu próprio ser mesmo estando em sua contingência originária do Em-si (que é necessariamente o que lhe dá o conteúdo para a sua essência), não podendo deixar de ser dessa forma, mas existindo obrigatoriamente enquanto escolha nessa relação. Na filosofia de Sartre o mundo é regido pela contingência, ou seja, pela não necessariedade das coisas. Não há para além da realidade humana nenhuma justificativa que dê razões para a existência do mundo assim como ele é. Por isso, a consciência quando reflete sobre a realidade das coisas se vê diante de um mundo que não possui justificativas, que é irrelevante, indiferente à sua própria existência. Dessa mesma maneira, o Para-si sem uma essência prévia tem de criar por suas próprias razões significados para motivar sua existência, ele, assim como o mundo, existe sem nenhum fundamento ou mistério, ontologicamente não possui uma essência, mas é derivado de sua relação com um Em-si contingente, e do qual tem de ser responsável. A consciência não pode negar a liberdade e nem a sua essência, deve ser responsável por aquilo que faz de si mesma. Ao negar estará agindo de *má-fé*⁴⁰, que, segundo Sartre, é a justificativa dada pelo indivíduo para as suas ações de maneira a se livrar da sua responsabilidade diante de seus atos.

mas o que se nadifica em consciência, sem que possamos considera-lo fundamento da consciência, é o Em-si contingente. (SARTRE, 2015, p. 131)

⁴⁰ A má-fé seria uma maneira de o Para-si tentar fugir da angústia que o acompanha ao longo de seu processo de auto-escolha. Ao tentar justificar suas escolhas em nome de uma divindade, de uma condição social, de um condicionamento racial, de uma natureza humana, etc., o homem está agindo de má-fé. A má-fé seria ainda a tentativa frustrada de o Para-si tentar apreender a si mesmo como um ser em-si-para-si, isto é, tomar a si próprio como se fosse uma coisa (aos moldes do Em-si) sem, contudo, deixar de ser um Para-si. Sartre ilustra alguns

Ao ser livre para escolher as suas próprias significações diante das circunstâncias que lhe aflige, o indivíduo ao agir também significa a realidade humana. Em decorrência de suas escolhas acha-se a responsabilidade por seu próprio ser e pela realidade que o cerca. Isso acarreta na angústia que provém da ameaça de sentir sua própria liberdade, manifestada por essa obrigação de se escolher livremente e ter de arcar com as consequências de suas próprias escolhas, que também significarão o mundo.

A seguir analisaremos a manifestação da *Angústia* como expressão da liberdade no ser Para-si.

3.4 ANGÚSTIA

A consciência enquanto ser Para-si mantém consigo o *nada* no âmago de seu ser não podendo se constituir de um ser por completo. Estando sempre carente de si mesma é condicionada por sua Liberdade como princípio para o seu existir e obrigada a buscar os fundamentos de sua existência diante de sua realidade factível. Assim, o indivíduo como condutor de suas ações realizará a sua essência se escolhendo a todo instante enquanto nadifica suas possibilidades. Deste modo, para Sartre a liberdade decorre desse *nada* que separa os estados de consciência (sequenciais) que preencherá novamente o ser faltante do Para-si. O Para-si nadificando novamente seu *nada* de ser atrela-se a um novo ser constantemente, e, desta maneira, instantaneamente o indivíduo se escolhe agindo no mundo pois o que ele *é* está separado por aquilo que virá a ser por essa *nadificação* que rompe com a positividade do estado de seu ser atual, o que de fato, para Sartre, temporaliza o ser do Para-si.

Essa liberdade só é possível pois há um mundo onde a consciência está inserida, a sua realidade configura a *situação* em que o Para-si deverá engendrar a sua existência e na qual lhe apresentará suas possibilidades. Essa liberdade, segundo Sartre, é expressada pela *angústia*, que provém da captação dessa obrigação de se “criar” no mundo sem um alicerce que o direcione. Nas explicações do filósofo:

[...] deve haver para o ser humano, na medida que é consciente de ser, determinada maneira de situar-se frente a seu passado e seu futuro como sendo esse passado e esse futuro e, ao mesmo tempo, como não os sendo. Podemos dar uma resposta imediata:

exemplos célebres (como o do garçom, por exemplo) onde o homem assume certas condutas que confeririam a ele o estatus de uma coisa (coisa-garçom). (SILVA, 2010, p. 21)

é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. (SARTRE, 2015, p. 72)

É desta maneira que Sartre constata a descoberta da liberdade como ontológico ao ser do Para-si. Quando se situa consciente do mundo e de si mesmo em relação a ele, angustia-se por não ser completo e por ser consequência de seu passado, porém, não determinado por ele, enquanto lança-se constantemente frente a si mesmo projetando o seu ser, sem fixar-se como um Em-si, um ser definido. Uma vez que o ser humano tem consciência da sua situação como existente no mundo também reflete sobre a sua total indeterminação. Desamparado, terá por sua própria liberdade de encarar a sua existência percebendo-se sem apoio e responsável por suas ações superando os obstáculos que a sua realidade coloca, com isso, a angústia se revela como essa consciência da sua liberdade, em ter de suportar a gratuidade da própria vida.

Estando consciente de não ter um ser definido, mas precisar escolher à sua maneira podendo a qualquer momento mudar seu projeto inicial, Perdigão (1995, p. 112) afirma que há dois modos de se apreender a angústia no existencialismo de Sartre, “uma de origem temporal, outra de natureza ética, ambas decorrentes do fato de o Para-si, sendo livre, não ter como se precaver contra a permanente possibilidade de fazer nova escolha de sua maneira de ser”. É o que trataremos a seguir.

A angústia temporal é decorrente da consciência reflexiva⁴¹ que o Para-si tem com relação ao seu projeto de ser futuro e com as escolhas do seu passado, justamente por não ser em nenhum dos dois estados temporais. Sartre o define como “ser que é o que não é e não é o que é” (SARTRE, 2015, p. 105). Logo, consiste na percepção de si mesmo enquanto responsável por sua própria existência no tempo presente (em ato), sabendo que lhe falta algo, um vazio a ser preenchido, e do qual o ser Para-si tem no seu projeto de ser sua incessante busca por um sentido de existência. O *nada* ontológico do Para-si o temporaliza tornando seu existir livre, e uma vez consciente de si mesmo terá de fazer escolhas a todo instante submerso numa realidade dinâmica e contingente. Assim, a angústia é consciência dessa liberdade de “ter de ser”, e, portanto, angústia diante de si mesmo.

⁴¹ A consciência cognoscente apresenta-se de dois modos: como *consciência irreflexiva*, voltada para as coisas (sejam reais ou imaginárias), e como *consciência reflexiva*, aquela que toma consciência de si, isto é, faz da consciência irreflexiva o seu objeto de conhecimento. A consciência irreflexiva é a mais comum, pois dela fazemos uso quase permanentemente, pensando nisso ou naquilo. Já a consciência reflexiva só aparece quando fazemos uma reflexão sobre os nossos próprios pensamentos. (PERDIGÃO, 1995, p. 55)

Sartre afirma que há diferença entre medo e angústia⁴². O filósofo apresenta um exemplo do homem à beira do precipício. A vertigem diante do precipício surge do medo da realidade externa ao ser consciente, pois ele se torna objeto do mundo podendo se deparar com algum empecilho que independente de suas ações o lance no precipício e o condicione a fatalidade. Entretanto, ao refletir sobre sua circunstância no momento, compreende que, do mesmo modo, depende das próprias condutas para evitar a queda, mas que nada o assegura de não lançar-se nele fazendo-o desconfiar de suas próprias intenções. Angustia-se diante das possibilidades dos seus atos no momento, pois *nada* há entre ele e suas ações futuras, o *nada* que o indetermina.

Em resumo, para evitar o medo, que me entrega um devir transcendente rigorosamente determinado, refugio-me na reflexão, que só tem a me dar um devir indeterminado. Significa que, ao constituir certa conduta como *possível*, dou-me conta, precisamente por ela ser *meu* possível, que nada pode me obrigar a mantê-la. Porém, encontro-me decerto já no devir, e é em direção àquele que serei em instantes, ao dobrar a curva do caminho, que me dirijo com todas as minhas forças – e, nesse sentido, existe já uma relação entre meu ser futuro e meu ser presente. Mas, no miolo dessa relação, deslizou um nada: *não sou* agora o que serei depois. Primeiro, não o sou pois o tempo me separa do que serei. Segundo, porque o que sou não fundamenta o que serei. Por fim, porque nenhum existente atual pode determinar rigorosamente o que hei de ser. Contudo, como já sou o que serei (senão não estaria disposto a ser isso ou aquilo), *sou o que serei à maneira de não sê-lo*. Sou levado ao futuro através do meu horror, que se nadifica à medida que constitui o devir como possível. Chamaremos precisamente de *angústia* a consciência de ser seu próprio devir à maneira de não sê-lo. (SARTRE, 2015, p. 75-76)

É no devir que se encara os seus possíveis, na mudança que ocorre no mundo e na realidade particular do indivíduo. E a angústia temporal na sua filosofia é decorrente dessa indeterminação que se sucede no rompimento de um estado de consciência anterior a um posterior em que se deve optar por certa conduta que implicará diretamente no seu projeto de ser, pois, nas palavras de Sartre “o eu que sou depende em si mesmo do eu que ainda não sou, na medida exata em que o eu que ainda não sou independe do eu que sou. E a vertigem surge como captação dessa dependência” (SARTRE, 2015, p. 76).

⁴² Ele entendia que no medo sempre haveria algo que temeríamos nos outros seres do mundo: medo de animais peçonhentos, medo do escuro, medo de altura, medo de ser assaltado, etc.; já na angústia seria uma incerteza diante de si mesmo. A angústia seria a indeterminação das nossas resoluções se sobrepondo a qualquer certeza inabalável. Por exemplo, nada nos separa de que ao olharmos para um precipício tenhamos reações bem distintas: afastemo-nos dele, nos aproximemos dele com todo o cuidado possível, ou nos sintamos compelidos a nos atirmos nele. No último caso em questão, ao olharmos para baixo, desconfiamos das nossas próprias intenções; em um momento seguinte, podemos tomar todas as precauções de segurança possíveis; porém, nada nos segura, se quisermos abandonar todas as precauções e nos atirmos no precipício. Eis a angústia: nós podemos fazê-lo. (AIRES, 2007, p. 32)

Esse tipo de angústia, segundo o filósofo, se revela como “angústia ante o futuro” (SARTRE, 2015, p. 76). Ela provém do fato do ser Para-si ter consciência de seus possíveis e ser responsável direto pela realização de si mesmo de acordo com sua situação particular no mundo, arriscando a fazer as “melhores escolhas” na finalidade de realizar o projeto de ser idealizado. Porém, nada garante a efetividade de seus propósitos pois haverá obstáculos e consequências em cada ação realizada na busca por esse ser (ainda que para Sartre ele nunca alcançará a sua plenitude, nunca alcançará o Em-si). Angustia-se, pois, é responsável por seu próprio fazer-se independente de suas condições. Cabe ao indivíduo assumir o comando de sua existência transcendendo a todo instante as consequências de suas escolhas e suportando o peso dessa responsabilidade na angústia, pois não há no mundo uma justificativa que conduza a existência de seu ser, ainda mais por não ter um fundamento próprio, mas se conceber na relação com o mundo Em-si limitando-se a sua contingência.

Segundo Silva (2010, p. 87):

Sartre não exime o homem da responsabilidade pelos seus atos. A situação, por exemplo, não pode ser tomada como um estorvo ou como uma escusa para a minha liberdade, uma vez que sou eu, enquanto projeto livre, quem irá iluminar o sentido de minha situação. Não podendo ser seu próprio fundamento.

A angústia que afeta o ser decorrente do seu passado se origina das decisões feitas e das quais precisam a todo instante serem reivindicados os motivos que determinaram por tal escolha, para Sartre nada impede o indivíduo de agir contrário as suas próprias decisões, ciente de que é livre para modificar qualquer escolha anterior. Ao mostrar esse tipo de angústia o filósofo apresenta o exemplo do homem que decidiu parar com o vício do jogo. Essa escolha foi feita sobre circunstâncias que o convenceram no momento de que o jogo é um hábito que pode leva-lo a sua ruína. No instante estava completamente convencido dessa decisão e acreditava na sua eficácia, mas ao ter novamente o desejo de jogar entende que nada pode manter sua decisão passada em seu ser, e assim “apreende na angústia sua total ineficácia” (SARTRE, 2015, p. 77). Para tanto, segundo o filósofo, é necessário que o indivíduo refaça livremente em seu ser os motivos que o levaram a essa decisão e se convença novamente a mantê-la, pois se torna apenas um de seus possíveis diante da possibilidade de se entregar ao jogo novamente⁴³. Ou seja, o passado assombra a consciência por ter de mantê-lo a todo

⁴³ Ele tomou a decisão de parar de jogar, porém, ela já não existe mais como algo dado, somente enquanto consciência de decisão que, por sua vez, está separada por nada, de uma possível decisão de voltar a jogar. Assim, ele é a sua decisão de parar de jogar à maneira de não sê-lo. Com isso, Sartre pretendia demonstrar que a angústia

momento, ressignificá-lo para que as decisões feitas sejam novamente partes de seu ser presente. Assim, surge a angústia, “e essa angústia *sou eu*, porque, só pelo fato de me conduzir à existência como consciência de ser, faço-me como *não sendo mais* esse passado de boas decisões *que sou*” (SARTRE, 2015, p. 77).

Para Sartre, a angústia é excepcional, ela não surge nas ações cotidianas visto que uma ação imediata implica estruturas das exigências do mundo. Ou melhor, as ações que a situação atual do Para-si exige não evidenciam a angústia pois “[...] é uma *estrutura de exigência* do mundo que, correlativamente, revela em si complexas relações de utilidade” (SARTRE, 2015, p. 80), não deixando abertas as apreensões angustiantes, são de caráter própria da ação realizada. Mas essas mesmas ações podem remeter “a fins mais distantes e essenciais, tais como suas significações finais e minhas possibilidades essenciais” (SARTRE, 2015, p. 81). Isso quer dizer que, ao refletir sobre os propósitos dessas breves ações passa-se as possibilidades finais que essas ações levarão como os seus objetivos futuros, por exemplo: escrever esse texto um pouco a cada dia, com a finalidade de me tornar habilitada no ensino de filosofia.

Para Sartre, é como “marcar um encontro comigo mesmo no futuro”⁴⁴, com o objetivo traçado pelo meu projeto de ser. Porém, nada garante a realização desse projeto, pois a qualquer momento diante da situação vivida pelo indivíduo ele poderá reconstruir outro significado e traçar outros objetivos, ou mesmo, qualquer coisa poderá lhe acontecer que o desviará do seu projeto inicial e um novo ser terá de ser pensado, já que ele se concebe pela contingência e imprevisibilidade. Demonstramos até o momento como é concebida a angústia temporal na sua relação com a consciência de seu Em-si passado e com o seu projeto de ser futuro, denotando que ela surge quando o indivíduo se torna consciente de que é responsável por fazer seu próprio ser a todo instante, pela ameaça da liberdade que tem em si. Além da angústia temporal, o ser Para-si também tem consigo a angústia ética, que segundo Sartre ocorre quando a consciência se considera em sua relação original com os valores (SARTRE, 2015, p. 82).

As coisas da realidade (os Em-si do mundo) não tem necessidade de existirem como aparecem na realidade humana. Nada determina que algo tenha que ser desse ou daquele jeito, a natureza está em constante transformação na sua contingência enquanto a realidade humana é arquitetada pela vontade lógica que a liberdade do ser Para-si exerce, é por meio dela que se

é a consciência de liberdade que se nos apresenta diante de um momento em que precisamos deliberar. (AIRES, 2007, p. 37)

⁴⁴ Para uma melhor compreensão recomenda-se a leitura das páginas 79, 80 e 81 de *O Ser e o Nada* (2015) onde Sartre traz uma boa análise de como ocorre esse processo da consciência diante de seu projeto de ser.

cria as disposições da vida em sociedade e conseqüentemente das próprias condições em que ela se insere. Nesse sentido, para Sartre as normas de conduta em sociedade como os valores sociais, as tradições, o certo e o errado, o bem e o mal, não são realidades concretas, não possuem ser no mundo, segundo o filósofo “o valor extrai seu ser de sua exigência, não sua exigência do seu ser” (SARTRE, 2015, p. 82). Desta forma, são criados e mantidos na realidade pelo indivíduo, que, estando numa certa situação particular escolhe de maneira livre (e racional) por determinado comportamento fazendo com que esta ação escolhida venha a existir no mundo. Enquanto mantida por uma livre escolha é somente o ser Para-si que poderá manter a existência dos valores como se configuram na realidade. Segundo Sartre (2015, p. 83):

[...] o valor só pode se revelar a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhecê-lo como tal. Daí que minha liberdade é o único fundamento dos valores e *nada*, absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela escala de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem, sou injustificável.

O ser Para-si ao mesmo tempo que se projeta se escolhendo no mundo também cria a realidade em que se insere fazendo de suas ações modelos a serem seguidos pelos demais, como se consentisse a tal escolha a sua existência e validade na realidade. Afirmar Perdigão (1995, p.114) “o valor surge concomitantemente com a conduta ou a escolha que o define, somente se determina pelo fato de ter sido ele o escolhido, e não outro [...] escolha e valor se confundem no mesmo ato”, portanto, a adoção por certa conduta em detrimento de outra reforça aquele valor objetivamente.

Para Sartre, por mais que o ser Para-si venha em um mundo de regras convencionadas ainda se é livre para ir contrário a elas, a consciência do indivíduo é livre e nada há no mundo que justifique suas decisões além de suas próprias razões, essas escolhas não são aleatórias. O Para-si se escolhe ao buscar determinada constituição de ser, almejando um objetivo e atuando em favor desse objetivo no mundo factível, a situação em que está inserido é que vai possibilitar a sua livre eleição por certos tipos de condutas, e por ela também os valores em sociedade são criados e mantidos, sendo assim, “não sofro imposições éticas de fora: ao contrário, eu é que faço a imposição, exijo e constituo o valor” (PERDIGÃO, 1995, p. 113). Nesse sentido, a angústia aparece como consciência da própria liberdade na qual o Para-si age ciente de que

nada está entre ele e suas escolhas, que por ser livre pode ir contrário as regras já impostas e que depende somente de si mesmo e de seus motivos para direcionar suas ações⁴⁵.

Dado que no mundo não há valores em si, será esta sua relação original com eles, pois esses dependem somente da liberdade do Para-si de escolher por uma ou outra ação. A angústia surge nessa responsabilidade⁴⁶ que o indivíduo tem diante da construção da realidade humana, e como responsável por si próprio e pelo mundo que significa, pois ao mesmo tempo em que age no mundo o ser Para-si constitui a realidade em que habita, dessa maneira, a escolha do universal se torna de responsabilidade de cada consciência individual⁴⁷. Ao criar os significados para sua existência o ser Para-si conseqüentemente significa a realidade em que está inserido. Se acata determinada regra como correta ele reafirma as condutas que devem seguir os seus semelhantes. Desta maneira, se algo na realidade não está favorável ao seu projeto ele terá consciência de que a sua realidade criou certo tipo de situação, assim ele entende a sua responsabilidade em se readequar as condições ou muda-las de alguma maneira, consciente também das implicações que suas decisões acarretarão diante de si, pois se ele optou por tal conduta deve ser boa para toda humanidade, já que ele significa a humanidade em seu ser. Assim, a realidade humana é uma constante formação e manutenção de sua estrutura pelas ações de cada indivíduo no seu particular. Dessa maneira se compreende a angústia, conceito chave no existencialismo de Sartre.

Portanto, concluímos esta primeira parte do nosso estudo, na qual apresentamos até o momento os conceitos principais do existencialismo de Sartre, em que compreendemos a existência de dois existentes opostos e complementares para a realidade, o ser Em-si que são existentes plenos de ser, como os objetos, e, o ser Para-si, o existente da consciência, vazio de conteúdo e pelo o qual o *nada* é introduzido na realidade como aquilo que ainda não existe. Será a partir desse vazio de essência (*nada*) próprio da consciência que o fará ontologicamente

⁴⁵ Importante frisar que para o filósofo a escolha por determinada conduta está em coerência com o ser da consciência, nenhuma escolha é aleatória, mas justificada pelo projeto do ser Para-si.

⁴⁶ A responsabilidade é consequência direta da liberdade, de não sermos coagidos a escolher. Se fôssemos obrigados a escolher algo, como se a escolha fosse o mero efeito de uma causa determinante, então não poderíamos falar de responsabilidade, alegaríamos com razão que o autor de nossos erros e mazelas é aquilo que nos determina. Mas, como somos nós mesmos que escolhemos nossas determinações, não há coação, mas a mais completa responsabilidade. (WELTMAN, 2009, p. 102)

⁴⁷ Ao defender que o homem é responsável pelos seus atos, Sartre irá expandir o alcance dessa liberdade e afirmará que a responsabilidade individual abrange toda a humanidade. O pensador francês argumenta que ao escolhermos o nosso projeto individual (através de nossas diversas atitudes diante do mundo) criamos, concomitantemente à nossa ação, uma certa *imagem* do mundo tal qual nós o apreendemos, ou melhor, tal qual nós o “aceitamos” e interpretamos. O fato, por exemplo, de eu decidir manter meu hábito de fumar em público traz implicitamente consigo uma *imagem* que eu tenho do mundo, a saber, aquela em que cada um pode, mediante suas escolhas, acender seu cigarro onde quer que seja (no bar, na biblioteca, na praça, etc.). (SILVA, 2010, p. 22)

um ser livre, pois sua indeterminação o deixa aberto para, a partir do conteúdo encontrado na sua realidade, modificar e escolher outras maneiras de se relacionar com os outros existentes. Porém, as consequências dessa liberdade como a reponsabilidade por seu próprio ser e pela manutenção da sua realidade expressa-se pela angústia que provém dessa indeterminação de si mesmo e da gratuidade da existência.

Após entendidos os conceitos basilares, passamos então para a análise comparativa dos trechos escolhidos de *A Náusea*, interpretando através dos conceitos aqui apresentados, no terceiro capítulo.

4 CAPÍTULO III: O EXISTENCIALISMO SARTRIANO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA E COMPLEMENTAR ENTRE AS OBRAS *A NÁUSEA* E *O SER E O NADA*

Após a contextualização dos conceitos da teoria existencialista sartriana dos quais serão de maior relevância nesse estudo, iniciaremos com a análise comparativa entre o romance *A Náusea*, e os conceitos da sua filosofia que foram apresentados, demonstrando como as ideias existencialistas de Sartre sempre estiveram presentes em suas produções independente do estilo de escrita em que foram expressos. Reiteramos que a análise aqui proposta é via interpretação, a partir dos trechos selecionados do romance e os conceitos aos quais os fatos descritos nos remetem, sendo eles o *Nada* (Em-si/Para-si), a Liberdade e a Angústia.

Inicialmente, este capítulo analisará o conceito de *Nada*, que é ontológico ao ser Para-si, neste conceito se estabelece a relação entre a consciência e os objetos da realidade que é ser Em-si. Em seguida, o conceito de *Liberdade* como a descoberta do modo de existência do ser do narrador-personagem. Após, analisaremos o conceito de *Angústia*, que irá acompanhar o narrador-personagem nessa descoberta de si como responsável por seu próprio ser no mundo. E, por fim, um subcapítulo em que abordaremos a relação da descoberta da contingência com o sentimento da náusea que envolve o narrador-personagem, retomando neste, a interpretação dos conceitos numa só contextualização. Para isso, retomaremos brevemente os conceitos filosóficos no início de cada tópico, para que possamos chegar ao raciocínio da interpretação.

4.1 O *NADA*

Antoine Roquentin narrador-personagem protagonista do romance de Sartre em *A Náusea* (1938) descreve em seu diário novos acontecimentos que vem lhe ocorrendo de forma súbita. Essas sensações que são descritas por ele remetem a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e que estão intrínsecos na escrita literária⁴⁸.

⁴⁸ Abrahão (2015, p. 36), mostra a característica desses dois estilos de escritas que trazemos para a discussão do trabalho, com isso, ressaltamos o caráter literário da obra *A Náusea*: “A importância da literatura se coloca, pois, em sua capacidade de descrever mimeticamente a realidade humana tal qual é vivenciada por personagens, indivíduos, seres em situação, isto é, de tratar de temas e contextos no seio das atitudes humanas, construindo, pela ficção, um espelhamento dos problemas do homem, já que a filosofia, pelo seu tratamento teórico-conceitual, não

Uma vez instalado na cidade de Bouville a fim de prosseguir com sua pesquisa, Roquentin, num momento ao caminhar pelas ruas do bairro Beauvoisis, se depara com algo novo, esse fato é relatado no seguinte trecho:

Fui tomado de verdadeiro pânico. Já não sabia aonde ia. Corri ao longo das docas, me enfiei pelas ruas desertas do bairro Beauvoisis: as casas me viam fugir com seus olhos apagados. Repetia para mim mesmo com angústia: aonde ir? Aonde ir? *Tudo* pode acontecer. De quando em quando, com o coração batendo, dava meia-volta bruscamente: o que estava acontecendo atrás de mim? Talvez aquilo começasse às minhas costas e quando eu me virasse de repente seria tarde demais. Enquanto pudesse fixar os objetos, nada aconteceria: olhava o máximo possível o calçamento, as casas, os lampiões de gás; meus olhos iam rapidamente de uns para outros, para poder surpreendê-los e detê-los no meio de sua metamorfose. Sua aparência não era inteiramente natural, mas eu me dizia com força: é um lampião de gás, é uma bica, e tentava, com força de meu olhar, reduzi-los a seu aspecto cotidiano. (SARTRE, 2016, p. 109)

Nesta passagem do diário o narrador-personagem descreve uma forte sensação que lhe é estranha, um sentimento de desnorteamento frente as coisas a sua volta, em que os objetos comuns do seu cotidiano se desmaterializam de seus significados, e conseqüentemente, o narrador-personagem se sente angustiado tentando manter uma relação com os objetos conhecidos. A filosofia existencialista de Sartre é uma teoria que busca compreender como se concebe a existência do ser humano na sua realidade, no trecho acima observamos no narrador-personagem uma nova maneira de compreender a realidade das coisas.

A realidade do mundo é composta por objetos reais com funções práticas para a existência humana, como as coisas descritas por Roquentin, esses são utensílios que possuem existência diferente da existência do ser do narrador-personagem, e a partir da teoria existencialista de Sartre podemos compreender como se explica essa relação entre os existentes.

Na sua teoria existencialista, Sartre (2015) apresenta duas noções de ser diferentes que constituem a realidade, esses são, o ser Em-si e o ser Para-si⁴⁹. O ser Em-si é pleno de existência, fechado em si mesmo e não mantém relação com o mundo além de estar no mundo, os objetos dos quais o narrador-personagem cita não provoca sensação nenhuma nele, é ele que se afeta

é capaz de descrever a realidade humana dos indivíduos e suas particularidades contextualizadas, cujos parâmetros e variáveis dificilmente são captados pela linguagem filosófica”.

⁴⁹ No primeiro capítulo deste trabalho mostramos como se estabelece os conceitos da teoria existencialista do filósofo francês, aqui iremos repeti-los de maneira a aproxima-los da literatura analisando pela interpretação dos trechos tirados do romance.

de dúvidas e angústias que são partes do seu ser, mas os objetos apenas existem no mundo sem nenhuma relação com ele.

Sartre alega que esses objetos não possuem uma verdade que se esconda por detrás de sua existência. Não há mistério na massa que se relaciona com a consciência através do seu fenômeno⁵⁰. Para que o ser humano compreenda o significado desses existentes a consciência precisa transcender a coisa no seu fenômeno de ser, capturando o sentido que essa coisa tem para poder dar significado para a sua realidade. Os objetos que estão ao redor do narrador-personagem como os descritos na passagem se mostram como são na realidade, porém, diferente do sentido que a consciência atribui a esses objetos, há, para além do fenômeno capturado pela consciência (pelo sentido da coisa), a brutalidade do ser próprio do objeto que é existência plena em si e que dá o fundamento para esse fenômeno⁵¹. Esses objetos não possuem outros atributos com relação a sua existência, como explica Silva (2010, p. 42):

O ser Em-si, sendo o que é, não mantém nenhum tipo de relação consigo nem com a consciência. Sendo plena positividade, esse tipo de ser é uma completa adequação a si, sem fissuras, sem brechas, é pleno de ponta a ponta. Do mesmo modo o Em-si não comporta atributos tais quais: atividade, passividade, possibilidade, temporalidade, potência, pois estes só podem advir através da consciência (Para-si).

Ao contrário do ser Em-si o ser da consciência⁵² é o ser Para-si, será este o ser do narrador-personagem Antoine Roquentin, ele é quem se relaciona com os objetos do mundo dando-lhes significados segundo a filosofia sartriana⁵³. O corpo é quem traz o surgimento da consciência e por estar exposto as condições da realidade como “coisa” se compreende como Em-si. A consciência segundo o filósofo nasce em contato com o ser⁵⁴, é por seu caráter de

⁵⁰ Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente *aparenta*. Assim chegamos à ideia de *fenômeno* como pode ser encontrada, por exemplo, na “Fenomenologia” de Husserl ou Heidegger: o fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno continua a ser relativo porque o “aparecer” pressupõe em essência alguém a quem aparecer. [...] O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é. Pode ser estudado e descrito como tal, porque é absolutamente indicativo de si mesmo. (SARTRE, 2015, p. 16)

⁵¹ O sentido do ser do existente, na medida em que revela à consciência, é o fenômeno de ser. Este sentido tem, por sua vez, um ser que fundamenta aquilo que se manifesta. (SARTRE, 2015, p. 35-36)

⁵² A consciência não é um modo particular de conhecimento, chamado sentido interno ou conhecimento de si: é a dimensão de ser transfenomenal do sujeito. (SARTRE, 2015, p. 22)

⁵³ Já o fato mesmo de um homem como Roquentin ser capaz de emitir um juízo sobre o Ser demonstra que, de um modo muito especial, ele não é exatamente como o Ser. Há uma diferença de qualidade que separa a sua consciência das coisas. O Ser rege-se pela identidade de si a si, sem relação interna possível. Sendo algo que se auto-ignora, não tem consciência. A consciência ao contrário, é essa propriedade que o Ser não possui de pensar sobre as coisas, exprimir juízos sobre elas, interrogar a respeito delas e de si mesmo, colocando em questão o seu próprio ser. (PERDIGÃO, 1995, p. 38)

⁵⁴ Mostramos no capítulo anterior que o ser Para-si necessita da realidade do mundo para construir a sua própria essência.

intencionalidade que está sempre voltada para fora de si mesma revelando as existências na realidade. Enquanto o mundo existe independente de ser revelado por uma consciência, o Para-si surge através do conhecimento do mundo.

Dessa maneira, o ser Para-si se constitui através de um ser que não é ele. Como demonstrado no primeiro capítulo desse trabalho, ele toma um ser emprestado do mundo Em-si que o cerca não havendo um ser anterior que lhe seja próprio, pois, sem a realidade do mundo não há consciência de mundo. Por isso, a consciência na filosofia de Sartre é sempre consciência de alguma coisa que não é ela, ela é transcendência, ele afirma: “dizer que a consciência é consciência de alguma coisa significa que não existe ser para a consciência fora dessa necessidade precisa de ser intuição reveladora de alguma coisa, quer dizer, um ser transcendente” (SARTRE, 2015, p. 34). É assim que o ser Para-si surge no mundo e revela seus existentes transcendendo-os rumo ao significado da coisa pelo fenômeno de seu ser que é o sentido atribuído ao objeto na sua realidade, ela não existe sem o conteúdo que lhe vem de fora mas realiza sua essência através deles.

Enquanto o Em-si é positividade por não lhe faltar ser, o Para-si é falta de ser, e não se reconhece como as coisas das quais revela, “embora uma das determinações fundamentais da consciência seja a de estar no mundo, atrelada ao Ser, a consciência não se identifica literalmente com ele, como se fosse coisa entre coisas. Está, sim, *em presença* dele, colocada *à distância* dele” (PERDIGÃO, 1995, p. 38), essa distância que a consciência mantém com relação ao ser é devido ao seu *nada* originário. Ainda, segundo Perdigão (1995, p. 39) “convém, no entanto, sublinhar que esse Nada não pode ser compreendido *como algo que é*, tal qual o Ser: o Nada *não é*, não existe positivamente. Contaminado pelo Nada, o Para-Si apresenta-se, ao contrário do Em-si, como plena *negatividade*”. O *nada* (como ausência de essência) separa a consciência do ser que ela revela, e esse *nada* é próprio da consciência. Assim, a consciência enquanto negatividade não possui essência própria e toda sua constituição vem de um existente diferente dela, portanto, há uma estranheza na relação da consciência com o mundo já que ela não pode ser seu próprio fundamento.

Retomando o trecho inicial do romance após essa breve retomada dos conceitos, é possível observar com Roquentin naquele momento uma certa confusão com a sua realidade. Ele está tentando fixar a sua atenção nos objetos ao seu redor (as casas, os lampiões de gás), esses que são ser Em-si, e nos quais o Para-si enquanto a consciência do narrador-personagem se distancia num recuo nadificador devido sua estrutura ontológica que é *nada*. O recuo

nadificador é uma “tomada de ponto de vista”⁵⁵ sobre a realidade, é um estado de consciência indefinido, onde o Para-si se desgarra do seu fundamento anterior baseado nas significações de sua realidade tentando novamente fundamentar essa realidade para si mesmo preenchendo o espaço que falta no seu ser.

Enquanto ele se revela um *nada* de ser, ao se voltar para os objetos naquele instante desvincula de seu ser (emprestado) os sentidos dados a aqueles objetos, rompendo com o conhecimento que tinha das características que indicam aquele existente na realidade, dos quais somente a consciência tem em sua estrutura existencial, como nos afirma Weltman (2009, p. 13):

Qualidades, quantidade, temporalidade, tudo isso perde o sentido durante a experiência da náusea, pois surgem com a consciência, não são “o ser”, que está aquém de tudo isso, o verniz através do qual vemos as coisas se desmancha para dar lugar à revelação da “existência”, da “contingência”.

Por mais que Roquentin busque essa fundamentação da sua realidade, naquele instante ele não consegue capturar pra si o ser do objeto, não pode ultrapassar até a plenitude Em-si mas presente a sua existência ali. Por isso, a náusea aparece quando os sentidos que justificavam os objetos se desvanecem na sua consciência revelando a plenitude existencial das coisas que não possuem uma essência intrínseca. Ao fixar os objetos e pronunciar o nome deles o narrador-personagem tenta a todo custo se agarrar ao fundamento do ser novamente, tomar pra si o Em-si da realidade. Mas há somente a essência da coisa que é a sua significação na realidade humana e o que contribuirá com a formação da essência do seu próprio ser, mas na coisa mesma esse sentido não existe. Os nomes dos objetos retomam a familiaridade que o narrador-personagem tem com eles, é o verniz que encobre o Em-si novamente. Do Em-si, a consciência só pode ter a intuição de sua existência e não acesso direto a ele, apenas ao seu fenômeno que se relaciona com a consciência e que tem uma função na realidade do Para-si, já que sua fissura sempre aberta o separa constantemente da plenitude desse ser.

Portanto, essa tal “estranheza” com a realidade é a negação interna de si, é a fissura que não preenche a sua existência, quando a consciência não se reconhece como si mesma já que ela é fundamentada de outro ser (dos objetos). O Para-si, portanto, tem a condição nadificadora

⁵⁵ Para um melhor entendimento, consultar: SARTRE, 2015, p. 59.

do ser que é o princípio da construção da realidade humana⁵⁶, e que, conseqüentemente, preenche a sua própria essência. É o que analisamos nessa passagem, o narrador-personagem nadifica a si mesmo e perde a ligação com os existentes, é como Sartre em sua filosofia definiu a condição existencial do indivíduo enquanto ser Para-si.

Noutro relato de Roquentin, temos, novamente, essa sensação da intuição da existência do Em-si, nos quais os seus significados enquanto objetos do cotidiano se desfazem. Assim, tecemos a comparação entre os fatos descritos por ele e a filosofia existencialista de Sartre:

Apoio minha mão no banco, mas retiro-a precipitadamente: isso existe. Essa coisa na qual estou sentado, na qual apoiava minha mão chama-se banco. Fizeram-no especialmente para que possamos nos sentar, arranjaram couro, molas, tecido, se puseram a trabalhar, com a ideia de fazer um assento e, quando terminaram, era *isso* que tinham feito. Trouxeram isso para cá, para essa caixa, e a caixa agora anda e sacoleja, com suas vidraças trepidantes, e traz em seus flancos aquela coisa vermelha. Murmuro: é um banco, um pouco como se fosse um exorcismo. Mas a palavra permanece em meus lábios: se recusa a ir pousar a coisa. Ela continua sendo o que é, com sua pelúcia vermelha, milhares de patinhas vermelhas, para o ar muito rígidas, patinhas mortas[...]As coisas se libertaram de seus nomes. Estão ali, grotescas, obstinadas, gigantescas, e parece imbecil chamá-las de bancos ou dizer o que quer que seja a respeito delas: estou no meio das Coisas, das inomináveis. Sozinho, sem palavras, sem defesas, estou cercado por elas: por baixo de mim, por trás de mim, por cima de mim. Não exigem nada, não se impõem: estão ali. (SARTRE, 2016, p.168-169)

Na sua teoria existencialista Sartre afirma que “o ser-Em-si não possui um *dentro* que se oponha a um *fora* e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si. O Em-si não tem segredo: é *maciço*” (SARTRE, 2015, p. 39). É o que entendemos ao acompanhar a sensação que o narrador-personagem expressa na passagem acima, a transformação na percepção da coisa que ele descreve intuindo a existência em sua plenitude. No recuo nadificador ele se coloca diante do *ser* (banco, p. ex), e pressente uma existência insignificante por detrás do verniz (que é a familiaridade com os objetos como coisas normais da realidade humana) que encobre a verdadeira face da existência das coisas, nas quais se tornam ‘inomináveis’ quando ultrapassadas o seu próprio sentido. Ao dizer que “não exigem nada, não se impõem: estão ali”, Roquentin mostra a natureza da contingência, da indiferente existência do Em-si.

⁵⁶ Para que a totalidade do ser se ordene à nossa volta em forma de utensílios, fragmentando-se em complexos diferenciados que remetem uns aos outros e têm poder de *servir*, é preciso que a negação surja, não como coisa entre coisas, mas como rubrica categorial que presida a ordenação e repartição das grandes massas de seres em forma de coisas. Assim, a aparição do homem no meio do ser que “o investe” faz com que se descubra um mundo. Mas o momento essencial e primordial dessa aparição é a negação[...] o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo. (SARTRE, 2015, p. 67)

Ele sente que os objetos estão ali e que não há um sentido neles mesmos, existem enquanto massa opaca sem significados, totalmente gratuitos. Esses significados que ele tenta retomar ao pronunciar seus nomes é para que seu próprio ser sustente a existência dessas coisas na realidade através do sentido humano dado a eles, sem os quais o Em-si se torna “massa” fútil, irrelevante. Assim, o *nada* como um dos conceitos principais dessa filosofia existencialista é um condicionante da realidade humana⁵⁷, e por isso permeia o romance através dos acontecimentos narrados pelo narrador-personagem criação própria do filósofo francês. O *nada* ontológico da consciência possibilita novas relações com a própria existência, com o conhecimento de si e do mundo, é como propõe Sartre (2015, p. 59-60), ao confirmar a necessidade da realidade humana no *nada*:

É no movimento de interiorização que atravessa todo o ser que o ser surge e se organiza como mundo, sem que haja prioridade do movimento sobre o mundo ou do mundo sobre o movimento. Mas esta aparição do si-mesmo para além do mundo, quer dizer, além da totalidade do real, é uma emergência da “realidade humana” no nada. É somente no nada que pode ser transcendido o ser. Ao mesmo tempo, o ser se organiza em mundo do ponto de vista do transmundano, o que significa que a realidade humana surge como emergência do ser no não ser e, por outro lado, que o mundo se acha “em suspenso” no nada.

A própria pergunta pelo ser do qual somente a consciência é capaz de fazer coloca o *não ser* em evidência como aquilo que o ser na realidade *não é*, transcendendo as determinações da realidade vendo nela outras possibilidades. O ser humano é o interrogador (SARTRE, 2015, p. 64), é o construtor e mantenedor dessa realidade, do mundo e de suas possibilidades. É o que Roquentin expressa ao dizer a significação daquele banco que está sentado, feito especificamente para as necessidades humanas: “Essa coisa na qual estou sentado, na qual apoiava minha mão chama-se banco. Fizeram-no especialmente para que possamos nos sentar, arranjaram couro, molas, tecido, se puseram a trabalhar, com a ideia de fazer um assento e, quando terminaram, era *isso* que tinham feito”. A palavra traz o significado, o fenômeno desse objeto que a consciência revela, mas além disso, ele pressente a massa inominável que é ser Em-si indiferente a existência de si mesmo, é apenas uma massa injustificável.

Neste contexto, o narrador-personagem Roquentin tenta retomar os sentidos dados para a realidade humana buscando os significados dos Em-si, que por sua vez se encontram sem

⁵⁷ Com efeito, o nada é ininterruptamente “nadificado” através do modo próprio de o Para-si engendrar sua existência. O caráter intencional da consciência (Para-si) já promove a cada instante essa “nadificação” (néantisation). (SILVA, 2010, p. 44)

relação nenhuma com a sua consciência, dá-se, portanto, uma ruptura entre o ser do Para-si e o ser dos objetos, e essa ruptura é temporal, como explica Aires (2007, p. 31):

A primeira nadificação diz respeito ao Para-si não ser nada daquilo que ele reflete, ou seja, não é nada do qual ele se volta, ou os seres do mundo. Essa ruptura ou “desgarramento” das “consciências” que o Para-si tem daquilo que ele reflete é a condição de toda negação e, portanto, também da temporalidade. Isso porque cada consciência de alguma coisa anterior está separada de outra consciência de alguma coisa posterior justamente por nada.

No subcapítulo seguinte analisaremos a descoberta da Liberdade através do narrador-personagem, e como a percepção da temporalidade do ser Para-si é consequência dessa nadificação de seu ser. Assim, entendemos essa aproximação com o conceito de *nada* através dos dois seres que compõe a teoria de Sartre, o ser Em-si e o ser Para-si. Ao interpretarmos a maneira que Roquentin tem percebido o mundo, tem revelado a contingência da existência, da não necessidade da realidade, através desse *nada* que condiciona o seu ser.

A partir dessas primeiras análises interpretativas que fizemos entre a história narrada no romance *A Náusea* de Sartre, e os conceitos filosóficos trazidos em seu ensaio teórico *O Ser e o Nada* do qual escolhemos como suporte para as investigações conceituais da filosofia neste trabalho, compreendemos como as descrições trazidas pelo narrador-personagem na nossa interpretação nos promovem essa aproximação entre os dois tipos de enredos.

O *nada* é essa perpétua condição do Para-si existir, dessa descoberta trazida pelas revelações do Roquentin, quando começa a se deparar com um mundo onde as coisas existem por si mesmas, sua consciência não se reconhece possuindo existência como a dos objetos mas tem a intuição do Em-si, sem poder ser como ele. Ele se revela como não fundamentado, como algo que “não é” e que precisa do fenômeno do mundo para ser. Para Sartre “o não ser surge sempre nos limites de uma espera humana. Uma relação entre o homem e o mundo” (SARTRE, 2015, p. 47), ou seja, a existência humana é um perpétuo ir ao mundo e se fazer através de seu *nada*. Santos (2017, p. 323-324), corrobora com a ideia ao afirmar que:

O que se assiste aí é uma solidão provocada por reflexões, a bem da verdade, não muito habituais nas pessoas. O personagem passa a observar os fatos da realidade com mais atenção. A realidade se torna um problema porque os problemas existem onde estão as coisas. E as coisas aparecem quando problematizadas pelo olhar de alguém que as vê e as tematiza. É justamente isso que se passa com Roquentin. Descobre-se com seus olhos diante da própria existência e passa a olhar as coisas e se questionar sobre elas. Ele, entretanto, não reflete tão somente sobre seus objetos visados, pois ao se apreender o objeto para entendê-lo apreende-se a si mesmo amalgamado nas coisas. Esse é uma primeira maneira de conhecimento de si.

Enquanto o *nada* é uma condição ontológica do ser humano é necessário que ele exista sempre buscando o seu próprio fundamento no mundo que o cerca, constituindo uma essência que ainda não existe em seu ser. Nesse sentido, mostramos como ocorrem as experiências do narrador-personagem Roquentin em contato com as coisas na sua realidade, dos quais está separado por um *nada*, que é o fundamento próprio da sua existência. Deste modo, ao colocar em questão os ser desses objetos, o narrador-personagem acaba interrogando a sua própria existência no mundo, e, aos poucos ele compreende que a sua própria existência é totalmente irrelevante como as outras existências, porém, diferente dos objetos, ele possui consciência disso e precisa existir como tal, como Para-si. E esse modo de ser exige uma maneira de ser.

Já foi demonstrado neste texto que o Para-si existe diante de si e para além de si mesmo, existindo em total liberdade diante do mundo que o cerca já que seu *nada* o obriga a escolher a si mesmo, a sua própria essência de ser. A seguir, analisaremos como a *liberdade* é por ele descoberta como o seu próprio modo de existir no mundo.

4.2 A LIBERDADE

No desenrolar do romance acompanhamos como o narrador-personagem aos poucos confessa estar compreendendo esses sentimentos confusos, ficando mais “lúcido” dessas sensações e entendendo melhor a realidade por detrás da existência das coisas ao seu redor. Entendemos que no existencialismo sartriano, os objetos que a consciência revela pelo seu fenômeno de ser são destituídos de significados em si mesmos, pois não possuem mistério por detrás delas além do significado que a consciência lhes atribui como parte da própria realidade humana. É o que interpretamos através de *A Náusea*, quando Roquentin foi percebendo sua existência no mundo passando a sentir as coisas de maneira diferente, se questionando sobre o sentido delas enquanto procurava palavras para descrever essas novas sensações, que interpretamos como a intuição da existência plena do ser Em-si, a partir da filosofia de Sartre.

Uma vez questionando o sentido dessas existências o narrador-personagem também questiona a sua própria existência no mundo. Durante a escrita do diário, Roquentin narra em suas próprias reflexões sobre o modo de vida das outras pessoas e as escolhas que fizeram, ele os observa para compreender como o cotidiano esconde toda essa gratuidade da existência.

Com isso, o narrador-personagem também questiona a si próprio na realidade em que vive, naquilo que é. Roquentin afirma:

Nunca como hoje tive um sentimento tão forte de ser alguém sem dimensões secretas, limitado a meu corpo, aos pensamentos superficiais que sobem dele como bolhas. Construo minhas lembranças com o meu presente. Sou repellido para o presente, abandonado nele. Tento em vão ir ter com o passado: não posso fugir de mim mesmo. (SARTRE, 2016, p. 52)

Para Sartre (2015), a existência do ser Para-si não possui fundamentos que explique ou norteie o seu ser no mundo, não há determinações ocultas que deem para o indivíduo uma justificativa para o seu existir. O filósofo desconsidera quaisquer pressupostos que venha a dar sentido absoluto para a existência do ser. O indivíduo vem ao mundo e logo após inicia a construção de sua própria essência a partir da realidade que se apresenta à consciência. É devido a sua estrutura de intencionalidade que estará sempre interagindo com o fenômeno dessas coisas realizando mudanças no mundo na busca por preencher esses vazios que encontra em si. Diante disso, o ser Para-si muda sua realidade porque é livre para fazê-lo⁵⁸. Posto isso, podemos interpretar quando o narrador-personagem se percebe sem “dimensões secretas”, por admitir certa superficialidade diante de sua existência no mundo, compreendendo que não possui um sentido maior definido em si mesmo, mas que é indeterminado enquanto existente.

Também, para Sartre não há dualidades no mundo, as coisas existem sempre em ato e nada há de oculto por detrás do que aparece, como por exemplo uma essência. Ou seja, toda aparição ou expressão humana existente são exatamente como se dão⁵⁹, por isso, no indivíduo a consciência só nasce na realidade do mundo e através dessa realidade ela adquire conteúdo pelo conhecimento, realizando, assim, a própria essência. Roquentin sente-se construindo suas lembranças com o presente estando repellido e abandonado nele, como na filosofia sartriana, sua existência está em ato e se sustenta assim, qualquer manifestação de seu ser é voltada a sua

⁵⁸ Sartre afirma: “Assim, condição exigida para nadificação do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre outras coisas à essência do ser humano. Por outro lado, já sublinhamos que a relação entre existência e essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da ‘realidade humana’.” (SARTRE, 2015, p. 68)

⁵⁹ Eliminando o dualismo aristotélico de “ato-e-potência” e o dualismo kantiano de “fenômeno-e-nômeno”, Sartre segue o princípio de Husserl: “Tudo está em ato”. Ou seja: a aparência (fenômeno) das coisas já encerra toda a essência (nômeno). Os fenômenos que nos aparecem (os “entes” de Heidegger) são totalmente reveladores de si mesmos e nada contêm de oculto: são exatamente aquilo que mostram ser, e não devemos supor que existem potências ocultas ou essências armazenadas por detrás das aparências que podemos observar. Todos os fenômenos através dos quais se manifesta o Ser (sejam os objetos, as emoções, os conflitos humanos, etc.) estão *em ato* e só existem dando provas dessa existência em ato. (PERDIGÃO, 1995, p. 36)

completa indeterminação no tempo presente, cabe a ele escolher entre suas possibilidades e preencher a sua existência a todo momento, ao decidir sobre si próprio naquele instante ele estará definindo aquilo que ele é.

A liberdade é a própria manifestação da realidade humana no existencialismo de Sartre. A consciência vem ao mundo e com ela *nada* (como o vazio), que, como já mostrado, é ontológico a consciência, e que quer dizer o seu *nada* originário. Esse *nada* de ser obriga o ser humano a escolher a sua própria essência, como ser Para-si, é um existente condicionado a liberdade de escolhas. Assim, como os demais existentes do mundo seu corpo parte da realidade Em-si, traz a consciência para a realidade, propiciando as suas experiências e a construção da essência do indivíduo, logo, a consciência também é corpo. A partir do corpo a consciência estabelece sua relação com o mundo no qual estará imerso em sua realidade e condicionado as necessidades físicas desse corpo e das pressões que virá sobre ele diante da sua situação. Nesse sentido, a liberdade do indivíduo ocorre de maneira situada.

Com isso, analisamos com Roquentin o que interpretamos como uma maneira de *recuo* sobre seu próprio *nada*. Ele se coloca em uma posição reflexiva sobre seu ser atual e indefinido, nadificando-se desfaz de toda a construção de seu ser no instante (como toda a certeza que levava sobre as coisas), compreende estar limitado ao próprio corpo onde com ele lhe resta apenas pensamentos superficiais. Esses pensamentos já são fundamentos de seu ser, pois, são partes resgatadas do passado da existência do narrador-personagem, e que se tornam superficiais ao considerar sua insignificância naquele instante⁶⁰.

O passado é seu ser Em-si, não podendo ser alterado, é existência plena e parte da sua essência. Ele, em sua incompletude, está em busca de ser a todo instante e essa busca pelo ser é o que origina a sua essência como o seu passado, sua busca só se finda na sua morte, quando não há mais liberdade. Refletindo sobre a sua existência o narrador-personagem compreende que o seu passado já não determina o estado de seu ser atual, é parte do que foi uma vez, mas no momento já não existe de fato como consistência de sua realidade pois sente a mudança do tempo e conseqüentemente das coisas.

Nesse sentido Roquentin alega construir suas lembranças com o presente, entendendo que é no tempo presente frente aquela sua situação que a existência exigia acontecer, e ali o

⁶⁰ Para Sartre (2015, p. 72) “[...] é necessário que o ser consciente se constitua com relação ao seu passado separado dele por um nada; que seja consciente desta ruptura de ser, não como fenômeno padecido, e sim como estrutura da consciência que é”. Distó, é devido a sua liberdade que o ser Para-si consegue fazer esse distanciamento de si mesmo no ser.

narrador-personagem deve se construir enquanto lembrança de seu próprio ser. Já não é possível manter uma relação fixa com aquilo que ele foi enquanto algo determinante, mas continua com relação a essa sua essência nadificando-a. O corpo lhe oferece a suas possibilidades de ações e é o que torna possível o seu projetar-se, desta maneira está limitado ao seu próprio corpo e as possibilidades que ele lhe oferece, não podendo fugir de si mesmo. Observamos que houve uma descontinuidade nos sentidos do narrador-personagem com o seu passado, resta apenas a sua consciência no tempo presente, assim como compreende Sartre em sua filosofia existencialista. É onde está, a partir de si mesmo naquele instante que o narrador-personagem se compreende existindo, sentindo de maneira reflexiva a natureza de seu ser.

É justamente por sua liberdade de ser Para-si que a temporalidade acontece, entre seu passado, presente e futuro. O Para-si, como ser do narrador-personagem, é um ser que se constrói no tempo presente (naquele momento de reflexão), acumula um passado imutável como a essência que carrega (p. ex. escolher tornar-se historiador, escolher pesquisar a história do marquês e estar em Bouville para isso, etc), e visa um projeto de ser para o futuro (terminar a história do marquês de Rollebon e os devidos resultados disso). Transcende a si mesmo como consciência de um estado de ser presente, não podendo fugir dessa consciência de saber ser o que é e o que escolheu fazer de si.

Ele, ao ter consciência do estado presente das coisas e de si mesmo sente que existe apenas naquele instante e a partir dali estando livre dos seus próprios conceitos deve construir-se abandonado no presente e sem um fundamento determinado.

Toda a minha vida está atrás de mim. Vejo-a inteiramente, vejo sua forma e seus movimentos lentos que me trouxeram até aqui. Há pouco a dizer sobre ela: é uma partida perdida, eis tudo. Faz três anos que entrei solenemente em Bouville. Tinha perdido o primeiro jogo. Quis jogar o segundo e também perdi: perdi a partida. Concomitantemente aprendi que se perde sempre. (SARTRE, 2016, p. 209)

Ele não se limita e nem é condicionado pelo fato de ter se escolhido como historiador, ou por ter escolhido estar em Bouville a trabalho, mas tem consigo como uma das escolhas entre tantas outras que poderia ter feito de seu ser, e aquele momento é consequência das suas próprias ações, para Sartre “[...] ‘meu’ passado é antes de tudo ‘meu’, ou seja, existe em função de certo ser que sou. O passado não é nada, também não é o presente, mas em sua própria fonte acha-se vinculado a certo presente e certo futuro” (SARTRE, 2015, p. 162). Uma vez que as coisas no mundo não possuem razão em si mesmas, o ser Para-si significa esse mundo quando

escolhe agir diante dele, por isso as partidas perdidas, Roquentin sabe que teria de refazer o seu ser, escolhendo a si próprio, como veremos adiante.

Em um outro momento estando no restaurante Camille, Roquentin se põe a refletir sobre o romance que viveu com Anny quando lerá a carta que ela lhe enviou, refletindo também sobre as suas escolhas percebe em sua máxima liberdade não ter sequer cultivado o seu passado:

[...] O passado é um luxo de proprietários.

Onde poderei eu conservar o meu? Não se pode colocar o passado no bolso; preciso ter uma casa, arrumá-lo nela. Só possuo meu corpo, um homem inteiramente sozinho, só com seu corpo, não pode reter as lembranças; elas passam através dele. Não deveria me queixar: tudo o que quis foi ser livre. (SARTRE, 2016, p. 93)

Imaginando o cotidiano dos cidadãos de Bouville se questiona como eles construíram sua existência, formaram famílias, acumularam bens e conhecimentos, “vivem no meio de legados, de presente, e cada um de seus móveis é uma recordação” (SARTRE, 2016, p. 92); objetos que carregam a representação daquilo que são. Para o narrador-personagem essa seria uma maneira de guardar o próprio passado se apegando ao ser e tentando manter uma ideia definida de sua essência. Esse passado conservado à maneira de suas posses é um modo de reafirmar o compromisso com o seu projeto de ser, uma condição de escapar à consciência reflexiva sobre o sentido da própria existência na realidade, pois coloca o indivíduo numa posição definida sobre a sua essência⁶¹. Desta forma, se mantêm inertes no sentido dado a suas próprias escolhas, não deixando aberta a possibilidade de refletir que são livres para a qualquer instante modificar todo o cenário da sua existência. Há uma relação com o que afirma Perdigão (1995, p. 109) ao falar sobre a busca pela totalidade do ser que o ser Para-si almeja em seu projeto:

Sabemos que o Para-si, totalização-em-curso, é falta de Ser: a apropriação é, portanto, uma tentativa (ainda que idealizada e simbólica) que adotamos para nos unirmos ao objeto e com isso totalizar o nosso Ser. Queremos, através da posse, operar a unidade possuidor-possuído – como se pudéssemos “ser” nós mesmos e a nossa propriedade. Na posse, tudo ocorre como se eu, sabendo-me insuficiente, procurasse existir também à maneira do Em-si: procuro apreender o meu Ser *fora de mim*, no objeto possuído, pensando “sou o que tenho”.

⁶¹ Para um melhor entendimento ver a partir de: PERDIGÃO, 1995, p. 107.

Apesar de não adentrarmos na ideia de posse debatida por Sartre⁶², a partir dessa análise já conseguimos fazer mais uma comparação que nos remete a sua teoria. Com isso, ao dizer ser a maneira do seu passado, o Para-si se apreende, ainda que enganosamente, a ideia de ser Em-si como suas propriedades e as suas significações. Para Sartre, também, o passado constituído tem o significado que o próprio indivíduo lhe dar, tudo que é vivido pelo Para-si tem uma razão compreendida na sua liberdade de ser aquilo que escolheu, o passado obtém a relevância que o indivíduo atribui a ele a partir do seu projeto, superação ou aceitação dos acontecimentos são maneiras do indivíduo de significar a sua essência⁶³.

Roquentin, no entanto, se descobre livre de seu passado. Por não ter construído o que o fizesse conservar e afirmar determinado projeto ele tem sua carreira de historiador com sua atual pesquisa sobre o marquês de Rollebon, significações que somente ele sabe ser, e que, diferente desses outros, não fixam sua realidade numa construção de si. Para o narrador-personagem atualmente é seu trabalho que tem dado o sentido de sua existência: “Não esquecer que o sr. De Rollebon representa hoje em dia a única justificativa de minha existência” (SARTRE, 2016, p. 99).

Dessas novas descobertas que Sartre apresenta através da criação do seu narrador-personagem em *A Náusea*, vemos a consciência reflexiva do indivíduo quando compreende a gratuidade da existência e da sua própria condição no meio dos acontecimentos. Ele não pode negar o seu passado pois o terá como ponto de partida para o seu projeto futuro sem poder escapar dessas circunstâncias. Diante de toda essa liberdade o narrador-personagem decide: “Nesse dia desisti de fazer meu livro sobre o marquês de Rollebon” (SARTRE, 2016, p. 137). Ao expressar a sua máxima liberdade Roquentin escolhe por não mais continuar com aquilo que antes significava a sua existência, pois compreende a gratuidade da realidade que vivência e sua participação na escolha da vida que estava tendo, na qual não vê mais sentido naquele projeto de ser, descobrindo-se livre para escolher outros jeitos de ser no mundo.

Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o quê? Só agora compreendo o quanto, no auge dos meus terrores, de minhas náuseas, tinha contado com Anny para me salvar. Meu passado está morto. O sr. de Rollebon está morto, Anny só retornou para me tirar toda

⁶² Ver mais em: SARTRE, 2015, p. 703.

⁶³ [...] a significação do passado acha-se estreitamente dependente de meu projeto presente. Não significa, de forma alguma, que eu possa variar conforme meus caprichos o sentido de meus atos anteriores, mas que sim, muito pelo contrário, o projeto fundamental que sou decide absolutamente acerca da significação que possa ter para mim e para os outros o passado que tenho-de-ser. (SARTRE, 2015, p. 612)

esperança. Estou sozinho nessa rua branca guarnecida de jardins. Sozinho e livre. Mas essa liberdade se assemelha um pouco à morte. (SARTRE, 2016, p. 209)

Novamente encontramos no narrador-personagem essa sensação de falta de apego pelo ser, do seu passado conserva apenas o próprio corpo e o conhecimento que adquiriu por suas experiências, não se detém a objetos e nem a algo que retenha de alguma forma uma representação de si mesmo⁶⁴. Ele declara recorrer a Anny para salva-lo de sua própria liberdade projetando nela as lembranças de seu passado num certo sentido de ser aquele mesmo “Roquentin” com quem Anny se relacionava, e, por isso, tinha na sua imagem a salvação de suas próprias angústias, simbolizando nela um sentido de ser. É livre, e se descobre livre para ser a maneira de suas próprias escolhas. Ele tem apenas as memórias do que viveu mas nenhuma certeza a que se apegar apenas o seu corpo que não pode retê-las de maneira concreta. Porém, nem Anny lhe trazia mais essas sensações (quando ao lhe visitar confirma não ter mais um elo afetivo com ele⁶⁵), sente que seu passado havia morrido de vez, assim como seu trabalho sobre o sr. de Rollebon, uma entidade também morta, e que se mantinha vivo apenas pelo ser emprestado do próprio Roquentin⁶⁶.

Percebendo sua situação naquele instante sente-se sozinho, e por isso, ainda mais livre para refazer todo seu projeto existencial no momento em que deixou de fazer sentido aquilo que estava construindo de si mesmo, assumindo a responsabilidade por todo o seu ser. E aqui a semelhança com a morte sentida por ele interpreta-se como a sensação do desapego que teve com o seu passado, da falta de conexão que sentiu com suas escolhas anteriores. Recomeçar é transcender seu ser rumo a outro ser ainda indefinido, o narrador-personagem, nesse sentido, propõe em refazer o seu livre projeto de ser, buscar outro sentido que venha a preencher esse vazio que encontrou na sua existência atual. Assim, sobre a filosofia de Sartre, Silva (2010, p. 20) afirma que,

[...] o Para-si engendra sua existência *nadificando* o mundo que se lhe apresenta. Isso faz com que ele *tenha* de existir ao invés de simplesmente *ser* algo. Ao ter de fazer-

⁶⁴ Roquentin carrega consigo algumas fotos e cartas como suas lembranças passadas, mas não constrói um passado a maneira dos outros que acumulam status e objetos numa casa, ou seja, não conserva de maneira tão significativa como os demais.

⁶⁵ Ver a partir de: SARTRE, 2016, p. 182.

⁶⁶ O sr. de Rollebon era meu sócio: precisava de mim para ser, e eu precisava dele para não sentir meu ser. Eu fornecia a matéria bruta, essa matéria que eu tinha para dar e vender, da qual não sabia o que fazer: a existência, *minha* existência. A parte dele consistia em representar [...] Eu era apenas um meio de fazê-lo viver, ele era minha razão de ser, me libertara de mim mesmo. Que farei agora? (SARTRE, 2016, p. 134-135)

se, o Para-si *escolhe* constantemente o seu modo de ser, isto é, escolhe o significado que ele dará ao mundo tal qual este se lhe apresenta.

Roquentin na contingência de seu ser atual como o ser que se formou historiador, ou, seu ser como possibilidade de escrever a história do sr. de Rollebon, ou, também, o Antoine Roquentin que viveu um romance com Anny e no qual já não se reconhecia mais, entendeu que não havia mais desejo naquilo que estava fazendo e por essa sensação desiste do projeto que mantinha até então para sua vida. Além disso, uma vez percebendo o mundo ao seu redor, compreende sua insignificância perante a realidade, as razões que governavam as ações do seu cotidiano perdem os motivos de continuarem a serem daquela mesma maneira⁶⁷. Dado que o indivíduo vem a um mundo construído do qual não se escolheu, época, lugar, corpo, família, etc... Em sua real facticidade, como ser Para-si, é a partir disso que terá a concepção da ideia do ser que se quer realizar, e é dada essas “limitações” preexistentes que a liberdade se situa transcendendo-as à suas escolhas, e com Roquentin, Sartre esboça essa existencialidade colocando-o como protagonista de suas ideias na qual vemos um homem solitário, desapegado do seu passado e de objetos, e que se percebe totalmente gratuito sem razões definidas para continuar vivendo do modo que vive⁶⁸.

E era verdade, sempre me apercebera disso: eu não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, uma planta, um micróbio. Minha vida se desenvolvia ao acaso e em todos os sentidos. Enviava-me às vezes sinais vagos; outras vezes eu percebia apenas um zumbido sem importância. (SARTRE, 2016, p. 117)

⁶⁷ Ressaltamos que neste trabalho optamos por não seguir uma apresentação linear dos fatos ocorridos no romance, mas selecionamos os trechos que mais se aproximam por interpretação dos conceitos da filosofia de Sartre, pois, uma vez entendido os conceitos do seu existencialismo já conseguimos interpreta-los no conjunto todo do romance.

⁶⁸ Thiago Abrahão, em seu artigo *A teoria literária de Jean-Paul Sartre em sua produção romanesca*, nos relata as intenções de Sartre com suas produções literárias ao afirmar que: “Roquentin, ou as personagens Pierre e Mathieu, de nosso *corpus*, por ser liberdade, não é nada além da possibilidade de ser, o que o leva a assumir um livre projeto para sua existência, a partir do qual vinculará seu modo de ser no mundo. Diante da questão ‘existir para quê?’, cabe unicamente ao próprio homem, ao escolher sua razão de existir, escolher também sua essência. Essa escolha é, então, obrigatória, pois, sendo o homem ontologicamente condenado à liberdade, não lhe é possível não escolher, pois escolher não escolher já é, a seu modo, uma escolha: ‘o homem não é outra coisa senão o que ele se faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo’ (SARTRE, 1958, p. 22). A liberdade acarreta ao homem um perene exercício de constituição e de significação de si mesmo, exercício que se situa em um horizonte de possibilidades que já existiam quando ele surgiu (sua condição social, o ambiente histórico etc.) e que ele pode aceitar ou recusar. Esse todo, a facticidade da existência, constitui, para o sujeito humano, uma dada situação, diante da qual a sua ação significa, pois, uma reação às condições que permeiam o exercício da liberdade. Portanto, a liberdade para o existencialismo diz respeito ao livre confronto com as adversidades, conflito que somos condenados a aceitar, com o fito de superá-las para a realização de nosso projeto livre de ser — projeto que pressupõe um ser livre.” (ABRAHÃO, 2015, p.31)

O seu sentimento de insignificância perante a realidade quando percebe que existe ao acaso, como coisa entre as coisas, mas uma coisa pensante e uma vez que se teve a experiência de intuir a natureza “maciça” das coisas, se põe a ver o mundo de maneira não mais habitual. Os Em-si da realidade do narrador-personagem demonstra toda a sua contingência, enquanto o próprio narrador-personagem é fundamento dessa relação entende que não pode ser definido de um só sentido, mas pode escolher ser de outras tantas maneiras, quantas sua situação permitir.

Ele descobre um mundo que não coincide com o seu ser, mas que, diante dessa consciência é responsável por se escolher enquanto se compreende em um contexto da realidade humana que apresenta suas possibilidades de escolhas⁶⁹, como por exemplo: se mudar para Paris e recomeçar com outro projeto deixando de se dedicar a pesquisa histórica do marquês⁷⁰. Essa parte de sua facticidade é nadificada para dar lugar a outras maneiras de se significar, ainda que ele dependa de suas condições físicas tem de ser em si mesmo e sempre para além daquilo que tem sido, fundamentando-se em sua relação com as coisas do mundo⁷¹.

Diante da relevância dada as coisas cotidianas que atribuem sentido à vida individual quando imersos nos objetivos que significam a vida em sociedade, os indivíduos ficam sem espaço para reflexões mais profundas sobre o sentido da própria existência, por isso, segundo o narrador-personagem as vezes a vida enviava sinais da sua irrelevante situação, vez ou outra o tédio ou a angústia traz esse sentimento da gratuidade do seu ser. Todo o significado do mundo provém das relações e construções individuais, dos sentidos que se coloca na própria existência e na realidade da qual se vive, mas para além daquilo que era percebido não havia nenhuma razão para justificar o ser, sentindo a insignificância da própria existência compreende que não há nada de especial ou extraordinário em existir. Roquentin se encontra com seu vazio e não pode escolher deixar de ser, é lançado a existir sem qualquer justificativa para preencher sua falta diante de um mundo cheio de possibilidades e significados.

Assim, compreende que a vida não tem propósito além daqueles que ele mesmo criava. Todo o significado existente que justificava o ser e que dava a sua devida importância deixava de ser importante quando se compreendia a natureza real das coisas. O mundo e seus tantos

⁶⁹ Para Sartre, a liberdade se desenrola através das múltiplas possibilidades que se abrem no meu horizonte. (SILVA, 2010, p. 72).

⁷⁰ Tomei uma decisão: já não tenho motivos para permanecer em Bouville, posto que desisti de escrever meu livro; vou morar em Paris. (SARTRE, 2016, p. 182)

⁷¹ Ressaltando: “[...]o Para-si não comporta aquela identidade consigo tal qual o ser Em-si o faz. Essa ‘falta’ que o Para-si carrega em seu seio advém do fato de ele carecer de um fundamento sólido sobre o qual pudesse se apoiar. Sartre reivindica essa ‘falta de fundamento’ ao Para-si a partir de sua concepção da realidade, a saber, a existência como *contingência*”. (SILVA, 2010, p. 73)

significados deixou o homem livre para escolher-se em meio a tantas possibilidades de construir o seu próprio ser, do qual somente ele será responsável.

A coisa, que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, refluí sobre mim. Existo [...] (SARTRE, 2016, p. 135)

A liberdade é o conceito núcleo da filosofia existencialista de Sartre em *O Ser e o Nada*, não será apenas uma característica ontológica do ser Para-si, mas é o Para-si no seu modo de existir, o que o condena a se fazer diante do mundo que lhe é revelado. Com isso, seu narrador-personagem encara a descoberta da consciência de si, da pura existência de seu ser, descobre a indiferença do mundo, e conseqüentemente sente uma completa liberdade existencial. Roquentin se revela ser um indivíduo sozinho, sem nenhum laço sentimental que pudesse sugerir um apego e conforto que viesse a guia-lo na construção de seu projeto, sentindo com isso todo o peso da responsabilidade por aquilo que estava sendo.

A consciência é sempre falta, o projeto é o guia das ações do ser Para-si de acordo com seus desejos e escolhas, essa não adequação a si mesmo como separado do seu fundamento passado revela que tudo está em ato, tudo é como tem de ser, a realidade e suas causas e efeitos, sem um propósito que significasse e motivasse a existência através de um plano maior determinado. Dada a narrativa literária construída por Sartre em *A Náusea*, encontramos no enredo vários elementos possíveis de compreender a teoria do filósofo francês, na relação do narrador-personagem com a percepção das coisas, dos questionamentos voltados a construção da sociedade, e os valores criados para significar as existências, sobre o sentido do seu próprio ser, etc⁷². A consciência de sua existência no meio das coisas conseqüentemente traz o peso da responsabilidade que carrega sem que algo possa conduzi-lo a uma via segura de existência, está condenado a ser livre. Sem dúvidas com o narrador-personagem de *A Náusea* conseguimos essa proximidade com a teoria filosófica de Sartre, e entendemos que seus escritos se referem a existência do próprio ser humano e não apenas uma ficção fora de contexto com a realidade⁷³.

⁷² Ver mais em: SARTRE, 2015, p. 132-133.

⁷³ É o fato de ser livre, portanto, que lança o homem na elaboração constante de perguntas e de respostas sobre si e sobre o mundo, e, em face disso, a literatura admite a possibilidade de produzir sentidos a partir da elucidação que os temas literários (o compromisso, a responsabilidade, a má-fé, no caso de *Os dados estão lançados*; a contingência e a gratuidade das coisas, no caso de *A Náusea*; a historicidade, a liberdade, no caso de *Com a morte na alma*) propõem e do enfrentamento entre consciências que se abre no momento da leitura: autor e leitor são depositários de suas liberdades e, juntos, fazem surgir a obra que, em seu escopo, apresenta o desvelamento das consciências em jogo e do mundo real que é espelhado no universo do irreal. (ABRAHÃO, 2015, p. 35)

Nos momentos em que o ser Para-si reflete sobre a realidade trazendo a sensação de gratuidade do ser, como quando Roquentin descobre viver ao acaso, também sente sua liberdade, pois, nada mais justifica a sua existência, ao mesmo tempo traz consigo a angústia de se descobrir sem razões e responsável por criar significados a si mesmo. A angústia será o terceiro conceito a ser interpretado, este que analisaremos a seguir desse subcapítulo⁷⁴.

4.3 A ANGÚSTIA

A filosofia existencialista de Sartre atribui ao ser humano toda responsabilidade pelo sentido de sua existência no mundo dado que não existem determinantes externo a ele que a comandam. Não à toa que uma das máximas da sua filosofia diz que “não importa o que fizeram com você, importa o que você faz do que fizeram com você”.

Diante dessa premissa, na responsabilidade por fundamentar a sua existência o indivíduo estabelece um projeto particular de ser pelo qual terá de fazer escolhas. As consequências das ações escolhidas moldarão a sua realidade frente as quais deverá assumir a responsabilidade por cada uma de suas consequências como parte das suas próprias decisões. Para Sartre, não é possível fugir dessas responsabilidades, pois, para quaisquer justificativas que venha a lhe dar “razões” estaria negando de má-fé⁷⁵ a sua própria liberdade. Anteriormente neste trabalho analisamos através do narrador-personagem Roquentin que ao ter consciência de sua existência refletindo sobre as coisas do mundo não consegue encontrar para ele uma verdade, uma essência que o governe e dita a realidade de tal forma que não poderia ser diferente.

Uma vez que compreendeu a realidade das coisas como contingência compreende-se como parte dessa realidade. Vive essa relação de dependência do Em-si e isso implica na

⁷⁴ A fim de um melhor entendimento desse trabalho vale ressaltar que os acontecimentos trazidos pelo narrador-personagem ocorrem as vezes em tom mais claro e explicativo, e em outros mais confusos. Por isso, aqui nos propusemos a interpreta-los e descreve-los da melhor maneira a aproximar da teoria de Sartre.

⁷⁵ Ao se deparar com a angústia, isto é, com a falta de fundamento, o Para-si busca uma justificativa para a sua existência. É quando ele procura se refugiar naquilo que Sartre chama de *má-fé*. A má-fé seria uma maneira de o Para-si tentar fugir da angústia que o acompanha ao longo de seu processo de auto-escolha. Ao tentar justificar suas escolhas em nome de uma divindade, de uma condição social, de um condicionamento racial, de uma natureza humana, etc., o homem está agindo de má-fé. A má-fé seria ainda a tentativa frustrada de o Para-si tentar apreender a si mesmo como um ser em-si-para-si, isto é, tomar a si próprio como se fosse uma coisa (aos moldes do Em-si) sem, contudo, deixar de ser um Para-si. Sartre ilustra alguns exemplos célebres (como o do garçom, por exemplo) onde o homem assume certas condutas que confeririam a ele o estatus de uma coisa (coisa-garçom). (SILVA, 2010, p. 21)

expressão de seu ser, pois é através das situações que o mundo lhe coloca que estará condenado a construir o seu próprio sentido de ser a cada instante, já que nada pode determinar suas ações a não ser os motivos que sua própria consciência (ser Para-si) produz. A angústia se anuncia como consciência dessa liberdade frente a tarefa sisífica de se escolher diante das situações reais de sua existência, enquanto lida com a contingência natural das coisas⁷⁶.

No seguinte trecho, analisamos através do narrador-personagem como Sartre (2016, p. 130) entende a angústia da escolha de si:

Segunda-feira

Já não estou escrevendo meu livro sobre Rollebon; isso terminou, já não *posso* escreve-lo. Que vou fazer de minha vida?

O narrador-personagem expressando a consciência de sua liberdade decide que não pode continuar a escrever o livro da história do marquês. Esse fora um projeto construído por um antigo ideal do ser de Roquentin, que tinha como objetivos futuros seus estudos, é levado a cidade de Bouville por essa dedicação de seu projeto e compromisso com a sua pesquisa. Mas, a partir da compreensão trazida pelas náuseas que se entende como um mal-estar físico consequência da angústia⁷⁷, viu-se livre para outras possibilidades de ser⁷⁸.

Diante dessa revelação vemos a sua angústia ao sentir-se parte dessa construção social, mas ao nadificar seu ser seu projeto existencial deixa de significar para sua consciência pois há uma desconstrução de si no *nada*, assim aparece sua liberdade através dessa nadificação fazendo com que não se reconheça mais com aquela sua antiga escolha. Não sabendo mais o que fazer de sua vida cabe a ele se reinventar, escolher outras significações para a sua existência a partir de um desejo próprio de maneira livre e consciente disso. O narrador-personagem não construiu nada a que pudesse ter um parâmetro para o futuro, como uma família, uma casa, ou alguma significação social que a sua consciência pudesse considerar. Na realidade, se mostra

⁷⁶ Como explicado no capítulo 2 na seção *Angústia*.

⁷⁷ Um único acontecimento ocorre praticamente no decorrer de toda a história: a Náusea, uma mistura de mal-estar físico e psíquico que o acomete em determinado instante e passa a acompanhá-lo durante boa parte do tempo do romance. É em torno dela que giram os questionamentos filosóficos sobre o sentido da vida e as angústias do personagem. A Náusea surge aparentemente sem explicação e leva o narrador a um importante processo de transformação e descoberta em relação à existência de si e dos seres em geral[...] (CARMELLO, 2009, não paginado)

⁷⁸ A angústia expressa pela náusea provém desse pressentimento dos objetos fora dos conceitos empregados pela realidade humana, quando a consciência intui as coisas em sua estrutura Em-si entendendo o fator contingente de todas as existências e de si mesmo.

muito mais livre devido a não ter nada disso como motivos para sua consciência, carrega em seu corpo somente a sua história como sua essência, e solitário, agora deve ressignificar a si mesmo.

Nas palavras de Sartre “[...] buscamos estabelecer a angustia, em sua estrutura essencial, como consciência de liberdade” (SARTRE, 2015, p. 77) e essa “[...] liberdade manifestada pela angustia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o Eu que designa o ser livre” (SARTRE, 2015, p. 79), assim como se encontra o narrador-personagem, angustia-se por sentir-se deslocado de suas antigas projeções, de seu antigo Eu, “[...] esse eu, como seu conteúdo a priori e histórico, é a essência do homem. E a angústia, como manifestação da liberdade frente a si, significa que o homem acha-se sempre separado de sua essência por um nada” (SARTRE, 2015, p. 79). O *nada* ontológico do ser Para-si, de se projetar diante de si mesmo sem um fundamento prévio de ser.

Colocando em questão o seu ser já não compreende mais as razões que o levaram até ali, até a cidade de Bouville, sobre qual o sentido de escrever a história do marquês de Rollebon, descobre na náusea de sua indeterminação a condição de seu ser em liberdade e conseqüentemente a sua responsabilidade por si mesmo. Sentiu-se romper com seu passado quando não conseguiu restaurar em sua consciência os motivos que o justificavam até aquele momento, e por isso declara não saber mais o que fazer de sua vida. Essa angústia se caracteriza pela sua decisão passada que deve ser mantida no seu ser, assim como afirma Sartre em sua filosofia⁷⁹.

Seguimos com outro trecho do romance:

Por exemplo, essa espécie de ruminção dolorosa: *existo* – sou eu que a alimento. Eu. O corpo vive sozinho, uma vez que começou a viver. Mas o pensamento, sou *eu* que o continuo, que o desenvolvo. Existo. Penso que existo. Oh! Que serpentina comprida esse sentimento de existir – e eu a desenrolo muito lentamente... Se pudesse me impedir de pensar! Tento, consigo: parece-me que minha cabeça se enche de fumaça... e eis que tudo recomeça: “Fumaça... não pensar... Não quero pensar... Penso que não quero pensar... Não devo pensar que não quero pensar. Porque isso também é um pensamento.” Será que não termina nunca? (SARTRE, 2016, p. 136)

Neste trecho analisamos como o narrador-personagem demonstra estar ciente de saber que é o “culpado” por sua existência. Enquanto a sua vida se desenrola sem interferência externa, o seu corpo existe e independe da sua consciência, mas é ele que “alimenta” a sua

⁷⁹ No capítulo 2 na seção *Angústia* discorremos sobre esse conceito.

existência pensando. Da mesma maneira Sartre se refere a angústia como algo excepcional, algo que advém das interrogações feitas sobre si mas que não se encontram presente nas ações típicas do cotidiano, nos hábitos proporcionados pelo corpo. Roquentin vivencia sua angústia tentando se livrar dela de alguma maneira. Ao buscar a fuga dos pensamentos sobre sua existência o narrador-personagem ciente de não querer pensar e deixar sua existência de lado angustia-se por não conseguir mascara-la, mas sim, enfatiza-la ainda mais, porque sabe que pensa e que por isso reconhece a existência como desprovida de justificativas.

Em *O Ser e o Nada* Sartre afirma que “não posso querer ‘não ver’ certo aspecto de meu ser, com efeito, salvo se estiver precisamente ciente do aspecto que não quero ver” (SARTRE, 2015, p. 89), e também que “devo encarar o objeto da minha fuga para evita-lo”⁸⁰. Ou seja, não há como deixar de lado a consciência de ser aquilo que se é, uma vez que já se tenha clareza desses pensamentos como angustiantes pensar em esquecer algo é pensar nesse algo como presença de ser naquele que pensa, e assim, faz-se desses pensamentos em ato o seu próprio estado de ser⁸¹.

Meu pensamento sou *eu*: eis por que não posso parar. Existo porque penso... e não posso me impedir de pensar. Nesse exato momento – é terrível – se existo é *porque* tenho horror a existir. Sou eu, *sou eu* que me extraio do nada a que aspiro: o ódio, a repugnância de existir são outras tantas maneiras de *me fazer existir*, de me embrenhar na existência. Os pensamentos nascem por trás de mim como uma vertigem, sinto-os nascer atrás de minha cabeça... se eu cedo, virão para frente, aqui entre meus olhos – e sempre cedo, o pensamento cresce, cresce e fica imenso, me enchendo por inteiro e renovando minha existência. (SARTRE, 2016, p. 136-137)

Observamos o narrador-personagem diante da consciência imediata de si⁸², ele demonstra ser esses sentimentos a própria expressão de seu ser no mundo, o ódio, a repugnância, refletem essa angústia, e são derivadas das significações feitas de sua própria existência. Meditando sobre a sua existência naquele momento ele se desfaz de todos os conceitos dados até então como parte do ser que construiu, o narrador-personagem se encara em sua condição pré-ontológica se extraindo do *nada* e retornando ao ser por si mesmo, pois

⁸⁰ [...] o que significa que angústia, enfoque intencional da angústia e fuga da angústia rumo a mitos tranquilizadores precisam ser dados na unidade de uma mesma consciência. Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia. (SARTRE, 2015, p. 89)

⁸¹ Mas vimos que a consciência de ser é o ser da consciência. (SARTRE, 2015, p. 75)

⁸² A angústia, portanto, é a captação reflexiva da liberdade por ela mesma. Nesse sentido, é mediação, porque, embora consciência imediata de si, surge da negação dos chamados do mundo, aparece se me desgarro do mundo em que havia me comprometido de modo a me apreender como consciência dotada de compreensão pré-ontológica de sua essência e de sentido pré-judicativo de seus possíveis. (SARTRE, 2015, p. 84)

quanto maior é a clareza de seus sentidos e sentimentos, mais vivo o indivíduo se sente, e com isso a vertigem (pré sintoma da náusea) como a angústia de não conseguir deixar-se transformar em um ser estático, que não precisa ser responsável por se criar, almejando ser um Em-si pleno de ser. Desta forma, a sua consciência é angustia porque reconhece em si mesma ser à sua maneira de compreender a realidade e não poder aparta-se daquilo que é, e, quanto mais se questiona ainda mais claro lhe torna o sentido da existência pois é toda manifestação da sua consciência diante do mundo que lhe aparece, e por todos os significados e sentidos que se apresentam a sua volta. Por isso, seus pensamentos renovam sua existência, pois demonstra o quão vivo e livre está diante de si mesmo daquele momento.

[...] se pelo menos pudesse parar de pensar, já seria melhor. Os pensamentos são o que há de mais insípido. Mais insípido ainda do que a carne. Prolongam-se interminavelmente e deixam um gosto esquisito. E depois, dentro dos pensamentos, há as palavras, as palavras inacabadas, os esboços de frases que retornam constantemente: “Tenho que termi... Eu ex... Morr... O sr. De Roll morreu... Não estou... Eu ex...” E assim por diante... e não termina nunca. É pior que o resto, porque me sinto responsável e cúmplice. (SARTRE, 2016, p. 136)

Os pensamentos são o próprio modo de ser do narrador-personagem Roquentin, ele manifesta de maneira livre seu desejo por não continuar sua pesquisa histórica sobre o marquês de Rollebon. Porém, sente-se responsável e cúmplice por não conseguir mais deixar que Rollebon viva nele, que era o significado do seu projeto existencial até então, quando se deu conta através da compreensão da náusea de que não vivia mais para si mesmo, mas compreendeu que todas as suas ações até aquele momento eram em favor da conservação da memória do marquês, mantendo-o em seu próprio ser⁸³. Ainda assim, o narrador-personagem não pode fugir do desejo de livrar-se desse antigo projeto, poderia usar da má-fé para se enganar e motivar-se a fim de concluir sua pesquisa e seu livro, mas não é o que acontece. Naquele instante não há mais razões para sustentar essa escolha, seus pensamentos preenchiam seu existir sendo puramente liberdade para manifestar seu desejo de não mais viver em função de Rollebon. Não consegue mais se apegar ao ideal de concluir com seu projeto e

⁸³ O sr. de Rollebon era meu sócio: precisava de mim para ser, e eu precisava dele para não sentir meu ser. Eu fornecia a matéria bruta, essa matéria que eu tinha para dar e vender, da qual não sabia o que fazer: a existência, *minha* existência. A parte dele consistia em representar. Ficava em frente a mim e se apoderara de minha vida para me *representar* a dele. Eu já não me apercebia de que existia, já não existia em mim, mas nele; era para ele que comia, para ele que respirava, cada um de meus movimentos tinha seu sentido fora de mim, ali, bem em frente de mim, nele; já não via minha mão que traçava as letras no papel, nem sequer a frase que escrevera – mas por trás, para além do papel, via o marquês, que solicitara esse gesto e cuja existência esse gesto prolongava, consolidava. Eu era apenas um meio de fazê-lo viver, ele era minha razão de ser, me libertara de mim mesmo. Que farei agora? (SARTRE, 2016, p. 135)

comprometimento com seu ser passado, sabendo ser o responsável por essa situação. Foi a partir da experiência da náusea diante dos objetos que o fez questionar as significações de sua própria vida⁸⁴.

Seus pensamentos são insípidos porque não lhe revelam nada além da gratuidade da sua vida, lhe tira o “gosto” por sua existência e por seus ideais, deixando nele o sentimento de quão indiferente ele é para o mundo. Seu corpo reage com o mal-estar diante desses pensamentos da manifestação da sua liberdade de ser. Ser a maneira de se escolher, compreendendo que nada pode força-lo a manter-se naquela situação, nada o condiciona, para Sartre “meus possíveis eram angustiantes porque dependiam só de mim” (SARTRE, 2015, p. 79), e, por isso, Roquentin sente a responsabilidade sobre si mesmo e sobre o destino de Rollebon. Segundo Weltman (2009, p. 93): “É preciso lembrar também que o projeto inicial, sendo totalmente contingente, não tem absolutamente nada que o faça ser necessariamente do jeito que é. É através da angústia que percebemos nossa possibilidade de modificá-lo, a injustificabilidade de sua existência”.

Segundo o filósofo “na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (SARTRE, 2015, p. 84), na angústia de se compreender como um ser livre e conseqüentemente indeterminado o narrador-personagem se depara com um mundo repleto de significados, de possibilidades a serem testadas, esses são os pensamentos que está tentando evitar. Roquentin afirma: “– É porque estou pensando – digo rindo – que aqui estamos, todos nós, comendo e bebendo, para conservar nossa preciosa existência, e que não há nada, nada, nenhuma razão para existir” (SARTRE, 2016, p. 152). Neste trecho podemos analisar como o narrador-personagem reflete sobre o modo de vida dos demais indivíduos a sua volta, como se escondem contra a angústia mantendo as necessidades físicas do corpo em meio as convenções sociais e aos prazeres que tornam a existência confortável, mas que bastasse um pouco mais de questionamentos já se entenderia a injustificabilidade da realidade ali experimentada. A ameaça da liberdade na angústia é excepcional, não surge quando imersos em atividades cotidianas⁸⁵ mas sim na reflexão, na indagação pelo ser, no instante inquietante e questionador em que se desfaz de todas as certezas construídas sobre a realidade humana.

⁸⁴ A angústia que faz manifestar nossa liberdade à nossa consciência, quando essa possibilidade é desvelada, serve de testemunha desta perpétua modificabilidade (*modificabilité*) de nosso projeto inicial. Na angústia, não captamos simplesmente o fato de que os possíveis que projetamos acham-se perpetuamente corroídos pela nossa liberdade-por- vir, mas também apreendemos nossa escolha, ou seja, nós mesmos, enquanto *injustificável*, isto é, captamos nossa escolha como algo não derivado de qualquer realidade anterior e, ao contrário, como algo que deve servir de fundamento ao conjunto das significações que constituem a realidade. (SARTRE, 2015, p. 572-573)

⁸⁵ Como mostrado no capítulo 2 na seção *Liberdade*.

Então é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz para mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. (SARTRE, 2016, p. 165)

É com a angústia que compreendemos todos os processos anteriores que constituem a estrutura da existência do ser Para-si, a descoberta da liberdade originada no *nada* ontológico desse ser, do ser do Antoine Roquentin, e essa angústia que é causa da náusea no narrador-personagem, e, portanto, traz juntamente a compreensão dos demais conceitos do existencialismo de Sartre analisados através da sua literatura. No trecho acima o narrador-personagem compreende sua condição de ser no mundo e por isso também se compreende como a própria causa da náusea, pois teve a evidência ofuscante de que o mundo e tudo nele existe diante de si, e é a consciência de si mesmo na realidade que lhe acarreta esse estado de ser. Roquentin aceita a angústia como a sua condição de ser o responsável por escolher ser quem é, por estar ali presente, por questionar e compreender sua condição existencial, “é na angustia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angustia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angustia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão” (SARTRE, 2015, p. 72). O narrador-personagem se mostra ciente de uma existência sem precedentes, uma existência que existe para ele e dependente dele⁸⁶. Ele compreendeu as razões de sua existência, e, com isso, aceita-a e a acolhe como parte de si, não estranhando mais como algo alheio a ele⁸⁷.

O narrador-personagem discorre em seu diário: “Quis que os momentos de minha vida tivessem uma sequência e uma ordem como os de uma vida que recordamos. O mesmo, ou quase, que tentar capturar o tempo” (SARTRE, 2016, p. 61). Ele expressa o desejo de que sua vida tenha uma sequência necessária, uma ordem causal que justifique todos os momentos

⁸⁶ Contudo, nesse ato de escolher-se o Para-si carece de um fundamento que venha a lhe dar bases sólidas e seguras para agir no mundo. Em outras palavras, o Para-si engendra sua existência no seio do *nada* (nadaificação). Ao apreender-se como um ser que *não é* o amontoado de ser (o ser Em-si) que lhe circunda, fica-lhe faltando aquela completude e positividade que preenche de ponta a ponta o Em-si. Essa “incompletude” de ser (não-coincidência consigo aos moldes do Em-si) seria o embrião daquilo que Sartre chama de *angústia*. Por carecer de um fundamento que o complete por inteiro, o Para-si carrega consigo a tarefa sisífica de escolher perpetuamente seu modo de ser. (SILVA, 2010, p. 20)

⁸⁷ Apesar do sintoma da angústia ser entendida como algo ruim para o indivíduo podendo leva-lo ao desespero, no existencialismo de Sartre, ao contrário, vem defender que o ser humano em sua liberdade (causa da angústia) é o guia de sua vida e dono de seu “destino”, colocando-o como protagonista de sua existência no mundo, e assim, deve encoraja-lo a buscar o sentido de seu ser. Não é uma filosofia do pessimismo, mas sim, da essência e mania de existir do ser humano. Portanto, recomendamos o livro de Sartre *O Existencialismo é um Humanismo* produto de uma palestra realizada por ele em 1945, onde defendeu sua filosofia desse tipo de acusação.

vividos até ali, e que necessariamente direcione os próximos acontecimentos como se sua essência estivesse predefinida, e já soubesse o seu “papel a cumprir no mundo”. Quando reflete sobre as mudanças da realidade compreende como o tempo determina sua estrutura de ser, onde não consegue ter o controle sobre as coisas e nem sobre si mesmo diante a contingência da realidade que age sobre tudo, vivendo sempre o excesso de presente e obrigando-o a continuar existindo de maneira gratuita. Assim, a angústia surge nessa falta de necessidade que há entre os tempos passado, presente e futuro, na incerteza do que lhe acontecerá, sabendo que mesmo assim é responsável por guiar e construir sua realidade naquele presente imediato. E “esses instantes não têm qualquer estabilidade do mesmo modo que a vida não é estável. É a permanência das coisas no tempo que proporcionam a ilusão de que elas permanecem sempre” (SANTOS, 2017, p. 328), a vida não possui uma sequência determinada, não tem um destino escrito que se possa acessar, o ser Para-si vai construir esse futuro em liberdade.

Deste modo, Roquentin como o ser Para-si que é inacabado, incompleto, estará sempre em busca de se encerrar como algo fixo, ele busca estabilidade tanto física quanto mental, pois deseja que as coisas permaneçam sem precisar se preocupar com as mudanças diante as quais sempre precisará agir, e sem a necessidade de mudar a si mesmo. Mas o Para-si não pode se fechar, sua condição é existir no tempo e o futuro como o que ainda não é para ele, mas no qual ele deverá se projetar, devido o *nada* que o indetermina e o impulsiona a existir.

O indivíduo se transforma e muda o mundo criando a realidade humana a partir de suas próprias necessidades, sem um significado ou propósito que esteja para além da própria construção social, o ser humano é condenado a se escolher e escolher o mundo em que vive a partir de suas ações, lidando com a imprevisibilidade dos acontecimentos⁸⁸. Roquentin sabe que nada está programado a acontecer, tudo acontece ao acaso e segue como construção da própria necessidade de fundamentar a realidade em que se situa, isso lhe foi revelado através das náuseas sentidas diante a angústia de se ver livre num mundo repleto de existências.

⁸⁸ Sem a necessidade e o nexa da permanência temporal, a existência humana vive apenas o excesso de presente de forma que, nesse presente vivido, se encontra desvinculado do passado e do futuro.

O porvir ainda em aberto implica em pensar a existência refletindo um futuro sem chão, pois o único chão que a existência se apoiará será construído por ela mesma. Sartre nos ensina, a duras penas, que, saber-se existindo é saber-se contingente. Se houvesse nexa causal, precisaríamos cumprir as predições postuladas no passado, como uma forma de execução mecânica da existência humana no mundo. A vida é instável, sem contar com qualquer providência ou alguma teleologia que a guie. Não existem princípios absolutos que orientem as decisões e projetos humanos. Todos os critérios que possam ser estabelecidos já são deliberações humanas frutos da liberdade. A ausência da necessidade faz do mundo algo ameaçador e aberto. Essa instabilidade existencial ameaça o Eu, pois ele perdeu-se como coisa dentre as coisas. (SANTOS, 2017, p. 328)

É através desses momentos apresentados pelo narrador-personagem de *A Náusea* que buscamos analisar os conceitos trazidos por Sartre em *O Ser e o Nada*, interpretando as sensações do protagonista durante a compreensão da essência do ser humano na realidade que o cerca. Uma vez que na sua filosofia existencialista o indivíduo enquanto um ser de consciência não tem uma essência definida, diferente de todos os outros seres, é através do seu corpo, instrumento de agir no mundo, que a sua consciência vai se constituindo limitando-se as suas experiências e seu conhecimento. Uma vez que vem ao mundo a consciência é ser Para-si, estará constantemente existindo em busca de ser algo no futuro, construindo projetos através do desejo de ser completo. Diante disso, a angústia que lhe acomete frente a responsabilidade que deve ter sobre si mesmo e sobre os demais, uma vez que seu conteúdo vem do mundo e da contingência do ser Em-si que lhe revela a gratuidade da existência pela qual a náusea acontece. Portanto, a seguir, analisaremos o ápice da compreensão da contingência através do narrador-personagem Roquentin, em conformidade com a contingência expressa na filosofia de Sartre.

4.4 A NÁUSEA COMO SENTIDO DA CONTIGÊNCIA DO SER

Entre tantos relatos do narrador-personagem analisamos até o momento trechos em que interpretamos a partir da filosofia de Jean Paul-Sartre em *O Ser e o Nada* os conceitos de *Nada*, Liberdade e Angústia, através da sua literatura *A Náusea*, resgatando os relatos de Antoine Roquentin, o narrador-personagem que dá vida as suas ideias. O sintoma da náusea que é o tema principal do romance se revelou como sendo o mal-estar físico, reação desencadeada pela angústia que o narrador-personagem sente ao tomar consciência e compreender a natureza das coisas, fora dos conceitos da realidade humana. Ele desvendou um mundo destituído de significado em si, descobrindo-se parte dessa realidade e tão insignificante quanto as outras existências.

Com isso, conseguimos demonstrar aproximação entre seus dois tipos de escritas, como o pensamento de Sartre já era expresso em sua literatura anteriormente a elaboração de sua teoria existencialista. Para finalizar nossas análises, neste último subcapítulo analisaremos o ápice da descoberta do narrador-personagem sobre a contingência da sua realidade e de si mesmo⁸⁹.

⁸⁹ Optamos neste trabalho por deixar concentrado nesta seção o que consideramos ser o momento chave do romance em comparação com a filosofia sartriana. Por se tratar de uma parte densa decidiu-se por não analisá-la fragmentada entre as outras seções, pois há muito o que ser interpretado no romance que traz luz a sua filosofia.

Roquentin, relata:

Estava então, ainda agora, no jardim público. A raiz do castanheiro se enfiava na terra bem por baixo de meu banco. Já não me lembrava de que era uma raiz. As palavras se haviam dissipado e com elas o significado das coisas, seus modos de emprego, os frágeis pontos de referência que os homens traçaram em sua superfície. Estava sentado, um pouco curvado, a cabeça baixa, sozinho diante dessa massa negra e nodosa, inteiramente bruta e assustadora. E depois tive essa iluminação.

Fiquei sem respiração. Nunca, antes desses últimos dias, tinha pressentido o que queria dizer “existir”. Era como os outros, como os que passeiam à beira-mar com suas roupas de primavera. Dizia como eles: o mar é verde; aquele ponto branco lá no alto é uma gaivota, mas eu não sentia que aquilo existisse, que a gaivota fosse uma “gaivota-existente”; em geral a existência se esconde. Está aqui, à nossa volta, em nós, ela somos nós, não podemos dizer duas palavras sem mencioná-la, e afinal não a tocamos. Quando julgava estar pensando nela, creio que não pensava em nada, tinha a cabeça vazia ou apenas uma palavra na cabeça, a palavra “ser”. Ou então pensava... como dizer? Pensava na pertinência, dizia a mim mesmo que o mar pertencia a classe dos objetos verdes ou que o verde fazia parte das qualidades do mar. Mesmo quando olhava para as coisas, estava muito longe de sonhar que essas existiam: apareciam-me como um cenário. Tomava-as nas mãos, elas me serviam de utensílios, eu previa suas resistências. Mas tudo isso ocorria na superfície. Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa-fé que não era nada, apenas uma forma vazia que vinha se juntar às coisas exteriormente, sem modificar em nada sua natureza. E depois foi isto: de repente, ali estava, claro como o dia: a existência subitamente se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava soada em existência. (SARTRE, 2016, p. 170-171)

Ao analisar este relato, compreendemos como o sentido da existência se revelará a ele, percebendo-a escondida atrás dos nomes em seus significados que camuflam a verdade da contingência da existência em sua aparente neutralidade, como coisas do cotidiano, justificáveis. Entretanto, a existência intuída se encontrava como um ser a parte das qualidades dos objetos, algo que a consciência não pode alcançar, mas que pode supor, uma vez que ela apenas tem acesso ao fenômeno desse ser, ou seja, no sentido dado por ela mesma as coisas, e além disso não ultrapassa ao Em-si que é sua existência plena, que é a contingência necessária do ser sem razão. As qualidades das coisas são conceitos da relação do Para-si com o Em-si, mas que em si mesmas já é a coisa, como afirma Sartre:

[...] toda qualidade do ser é todo o ser; é a presença de sua absoluta contingência, sua irredutibilidade de indiferença; a captação da qualidade nada acrescenta ao ser, a não ser o fato de que *há ser como isto*. Nesse sentido, a qualidade não é um aspecto exterior

Dessa maneira, selecionamos algumas das principais experiências e descobertas do narrador-personagem como foi exposto no decorrer do trabalho, deixando para este momento a totalidade desse fragmento. Encontramos no romance de Sartre um momento ápice da compreensão das sensações mostradas pelo narrador-personagem. Será a partir da página 170 a 182, que Roquentin, estando no jardim público da cidade de Bouville se depara com a abundância da existência, ao observar a raiz do castanheiro compreende definitivamente a brusca revelação da contingência do ser, e diante disso, o motivo de suas náuseas.

do ser, pois o ser, não tendo um “dentro”, não poderia ter um “fora”. (SARTRE, 2015, p. 250)

Sartre mostra como as qualidades derivadas das coisas são parte da própria existência na realidade, é o que há no mundo por si mesmo, mas pela consciência a racionalidade lhe classifica em categorias para que se possa conhecê-las e assim ter acesso a elas, dada a sua necessidade de capturar o objeto é que os conceitos tirados de sua aparência lhe são atribuídos, assim, a consciência se apropria de sua superficialidade. Roquentin sente a angústia por ter de manter a estrutura da realidade humana para que seu ser não desmorone, sente que isso depende somente dele mesmo, de manter a compreensão do mundo como aquilo que lhe é habitual, fixando as suas qualidades como coisas do seu conhecimento. Porém, ele sente a fria massa do castanheiro, sente a sua abundante existência, de ser coisa inexplicável por qual compreende tudo aquilo que vinha tentando expressar em seu diário. Weltman (2009, p. 56), afirma que:

Quando a consciência entra em cena, o Em-si bruto, que permanecia na mais sombria escuridão, é iluminado pela consciência, que então, irradiando sua luz sobre o mundo, faz surgir o fenômeno e seus diferentes modos de aparição, como qualidades, quantidade, temporalidade, potencialidade, utilidade, etc. Em contrapartida, é somente mediante o há que o Em-si pode ser captado pelo Para-si.

Entretanto, na sua condição nadificadora do ser o narrador-personagem se coloca frente aos objetos se desfazendo dos conceitos empregados a eles e conseqüentemente os estranhando, pois, não consegue ordenar o mundo a sua volta, com isso descobre que as existências não estão embasadas em nenhuma necessidade de fato com a realidade, o ser Em-si existe e sua única justificativa é dada na sua relação com o ser Para-si. É o ser do narrador-personagem quem instaura a essência desses objetos a partir das necessidades humanas, percebendo-se dessa mesma maneira numa existência desprovida de essência prévia, numa condição em que seus sentimentos existenciais ficam evidentes, ele descobre ser a própria náusea quando possui compreensão vívida da maneira que se concebe a existência, ela lhe ocorre por sentir a contingência de si mesmo na realidade. *Há* um mundo, *há* os seres e suas qualidades (pelas quais se é possível conhecê-los), *há* ele como consciência de se reconhecer enquanto qualquer outro ser ali presente, de maneira gratuita. Prossegue:

Éramos um amontoado de entes incômodos, estorvados por nós mesmos, não tínhamos a menor razão para estar ali, nem uns nem outros, cada ente confuso, vagamente inquieto, se sentia demais em relação aos outros. Demais: era a única relação que podia estabelecer entre aquelas árvores, aquelas grades, aquelas pedras. Tentava inutilmente contar os castanheiros e situá-los com relação à Véleda: tentava

comparar sua altura com a dos plátanos: cada um deles escapava das relações em que procurava encerrá-los, isolava-se, extravasava. Eu sentia o arbítrio dessas relações (que me obstinava em manter para retardar o desabamento do mundo humano, das medidas, das quantidades, das direções); elas já não tinham como agir sobre as coisas. Demais, o castanheiro, ali em frente a mim um pouco à esquerda. Demais, a Véleda... (SARTRE, 2016, p. 172-173)

A existência se mostrou demais, se mostrou muito além daquelas palavras pelas quais ela era representada. Tudo se revelou fútil, sem uma razão que os justificassem quando o narrador-personagem já não conseguia mais justificá-las para si, ele não se reconhece como o mundo nem como os Em-si a sua volta, pois é consciente do que lhe acontece, do que está ao seu redor, ele era consciência da própria existência e por si só era plenamente o ser⁹⁰, e de tudo que vem de fora de si e que sabe que lhe afeta; o *nada* que o indetermina desfaz de sua configuração de essência, mas neste momento tentava retomar em seu ser o fenômeno do ser dos objetos, para que pudesse manter o mundo dos significados para si mesmo⁹¹. Porém, o narrador-personagem transcendia a todo instante, nadificava o ser e pressentia o Em-si contingente dos objetos que estava para além daquilo ali, por trás das razões humanas pelas quais eram conhecidas, tudo se tornará demais para ser explicado em palavras. Weltman (2009, p. 59-60) corrobora ao afirmar que “por conseqüência, a verdade é humana, não se identifica com o Em-si, é uma dimensão de ser que vem ao Em-si através da consciência”, e também, que

A descoberta da contingência em *A náusea* nos mostra uma espécie de descolamento do “esquema humano” através do qual enxergamos as coisas, é como se o véu se rasgasse e os seres passassem a resistir à nossa ordem. Pensamos que nesse romance ocorre um desenvolvimento análogo ao de *S.N.*, onde verificamos a distinção entre ser do fenômeno e fenômeno de ser, este, que dá a face humana ao Em-si, que pode então aparecer como qualidade, quantidade, utensilidade, etc. Depois da experiência da náusea, não é que Roquentin, o protagonista, possa apreender o ser do fenômeno, mas é como se o pressentisse, como algo ainda intocado pela consciência. Por outro lado, por trás desse “verniz” através do qual percebemos as coisas, não há nada. Existe um fundamento transfenomenal de tudo aquilo que nos aparece, porém, só há mundo para nós como mundo negado, ou seja, como mundo fenomenalizado.

⁹⁰ Quanto tempo durou essa fascinação? *Eu era* a raiz de castanheiro. Ou antes, era por inteiro consciência de sua existência. Ainda separado dela – já que tinha consciência dela – e no entanto perdido nela, nada mais senão ela. Uma consciência pouco à vontade e que todavia se abandonava com todo o seu peso, numa situação instável, sobre aquele pedaço de lenho inerte. (SARTRE, 2016, p. 177)

⁹¹ Mas eu, ainda agora, tive a experiência do absoluto: o absoluto ou o absurdo. [...] Mas diante daquela grande pata rugosa, nem a ignorância nem o saber importavam: o mundo das explicações e das razões não é o da existência. Um círculo não é absurdo, é perfeitamente explicável pela rotação de um segmento de reta em torno de uma de suas extremidades. Mas também um círculo não existe. A raiz ao contrário, existia na medida em que eu não podia explicá-la. Nodosa, inerte, sem nome, ela me fascinava, enchia-me os olhos, reconduzia-me constantemente para sua própria existência. Era inútil que repetisse: “É uma raiz” – isso não surtia efeito. [...] A função nada explicava: possibilitava que se compreendesse *grosso modo* o que era uma raiz, mas não *aquela raiz*. Aquela, com sua cor, sua forma, seu movimento paralisado, estava... abaixo de qualquer explicação. Cada uma de suas qualidades escapava-lhe um pouco, escorria para fora dela [...] (SARTRE, 2016, p. 174)

Portanto, analisamos diante dessas nossas interpretações os conceitos de Sartre por entre a narrativa do narrador-personagem de se reconhecer como ser Para-si que ele é, o ser indeterminado por seu *nada*, e livre para buscar um sentido para si no mundo. Entendemos que o Em-si pressentido através da náusea é devido a sua contingência original e o reconhecimento de existir sem nenhuma justificativa, como esses demais existentes, dos quais constitui a sua própria essência. Assim, sem nenhum guia que possa conduzi-lo em sua vida, se angustia por saber que deve viver diante da imprevisibilidade dos acontecimentos e das consequências de suas escolhas, responsável por se criar enquanto falta de ser.

Roquentin declara em seu diário:

O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é necessidade. Existir é simplesmente *estar aqui*; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos *deduzi-los*. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebemos disso, sentimos o estômago embrulhado, e tudo se põe a flutuar como na outra noite no *Rendez-vous* des Cheminots: é isso a Náusea[...] (SARTRE, 2016, p. 176)

Nesse trecho está expresso aquilo pelo qual o narrador-personagem ansiava tanto descobrir: a contingência da realidade, a gratuidade da existência das coisas, dos acontecimentos, e de si próprio naquela situação. Compreende em seu ser que nada daquilo ali existia porque era necessário que fosse daquele jeito, a contingência é o essencial, ela é necessária por ser exatamente como as coisas são na sua realidade, existir significava estar presente, pois além do presente nada mais existia. Compreendeu que a única realidade possível é o momento em que se vivia, para além do momento não havia nada, nada a que se pudesse apegar, a não ser as possibilidades ainda inexistentes dos acontecimentos e no qual ele participava como coisa entre todas as outras, da existência ele não poderia deduzir as suas transformações, do que vem depois a cada instante.

O narrador-personagem escreve a respeito das pessoas se que utilizam da má-fé para se precaver do sentimento de se saber com uma vida sem propósito, abdicando de sua liberdade e de sua responsabilidade sobre si mesmo. Essas pessoas, segundo Roquentin, quando compreenderam a sua contingência buscaram negar sua condição através de subterfúgios, ao criar um ser supremo que lhe justifique uma essência, acredita, ou, se convence, de que tudo é criação e plano de um Deus, e do qual tem um papel por ele definido a cumprir no mundo, um

ser soberano que é causa de tudo e de si mesmo, e, por isso, tudo que ocorre é necessário, dessa forma, dissimulam a angústia diante de sua consciência da gratuidade⁹². Mas ele entendeu que a contingência é completa por si mesma, é o todo, o absoluto da existência, aquilo que não se acessa, e do qual não se tem o controle, mas pela nossa liberdade podemos modificar sem saber os resultados causais de nossas ações diante dos seres. Tudo é por si só indiferente no mundo, e uma vez que o Para-si é derivado dessa gratuidade ele também é gratuito, é contingente na medida em que o mundo é contingente, e diante dessa resolução a náusea lhe ocorre como o sintoma de sua angústia nessa liberdade que encontra em seu ser, dessa falta de propósito que há nele, pois entende que tudo que construiu durante todo o tempo que viveu até ali se mostrou insignificante, menor do que aquele momento. E por isso, ele está livre.

A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu. (SARTRE, 2016, p. 170)

É dessa nova maneira de justificar a sua existência no mundo que Roquentin compreende que sua consciência é a existência nela mesma, e a náusea é ele como lúcido de ser existência, de sua contingência. Por isso, ele aceita e passa a construir seus projetos de acordo com essa compreensão.

⁹² A brusca revelação dessa contingência, da gratuidade e da absurdidade do Ser, produz um sentimento de sufocação que Sartre simbolizou em uma figura literária, a *náusea*. Roquentin, o personagem da novela *A Náusea* (1938), percebe que todas as coisas encaradas com normalidade por simples hábito escoram-se, na verdade, no abstrato mundo dos conceitos e das palavras (essa falsa realidade) para nos dissimular o que de fato são: coisas estranhas, opacas, impenetráveis, ininteligíveis. O que é uma árvore ou uma caneta-tinteiro, o que são as feições de um rosto, por trás dessas designações lingüísticas, senão pura materialidade indeterminada e absurda? (PERDIGÃO, 1995, p. 37)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jean Paul-Sartre, enquanto romancista se propôs a apresentar seus personagens em situações existenciais inquietantes, em dilemas vivenciados por indivíduos que compreenderam a natureza das existências, da sua consciência diante do devir e da contingência. Sua proposta tende a aproximar o leitor como cúmplice de suas descobertas, a fim de provocar nele reflexões acerca da sua existência no mundo, e do próprio sentido de sua vida.

No primeiro capítulo apresentamos um pouco sobre a vida do filósofo francês que vivenciou a segunda guerra mundial, e sua defesa aos seus ideais como o engajamento político. Também, apresentamos alguns elementos principais das suas obras aqui estudadas. Com seu romance *A Náusea*, é possível identificar a partir do protagonista, um historiador de 35 anos que se instala na cidade de Bouville a fim de realizar as pesquisas do marquês de Rollebon (uma personalidade local), que, em um acontecimento rotineiro passa a sentir uma diferença nas percepções que faz sobre as coisas, ao toca-las sente-as vivas, objetos de seu cotidiano perdem a sua aparente inocência e passam a mostrar seu aspecto bruto de ser. Com isso, passou a registrar num diário esses acontecimentos a fim de esclarecer a si mesmo o que estava acontecendo com ele, e, a partir disso, compõe o romance, um diário contado por Antoine Roquentin sobre suas experiências. É através disso que conseguimos analisar e comparar através de interpretações o seu romance *A Náusea* com a sua teoria existencialista.

Em se tratando do seu ensaio filosófico *O Ser e o Nada*, Sartre apresenta sua ontologia-fenomenológica, concebendo a existência da consciência como vazia de conteúdo, o fenômeno do mundo (realidade) é revelado por esse ser que é ser Para-si, sem essência. Enquanto os objetos são ser Em-si, completos em si mesmos de essência. Essa essência da coisa é o sentido dele na realidade, que é dada pelo indivíduo (ser Para-si) quando se relaciona com esses objetos (mundo externo). Porém, há um ser do fenômeno que a consciência não acessa, e esse ser do fenômeno é o Em-si bruto, a massa da existência da coisa sem o conteúdo empregado a ela pela consciência, esse ser Em-si não possui significado em si mesmo. O Para-si enquanto lhe falta o ser, preenche uma essência em contato com o mundo e a sua realidade, ele se movimenta e age temporalmente, dando significados as coisas através da necessidade de projetar um significado para si mesmo. Diante disso, o indivíduo se revela um ser de liberdade, é condenado a ser livre por justamente não possuir uma essência definida, como o Em-si, mas ter de se criar através de um projeto escolhido (em situação) uma razão de viver, objetivos que concebe a fim de se tornar completo de ser, mas que não se concretizará pois sempre será para além de si mesmo, devido

o *nada* que condiciona a sua existência. Com isso, a angústia aparece sinalizando essa falta de si mesmo, angustia-se por saber que sua existência depende de suas escolhas, e pelas quais ele se torna responsável, pelo seu próprio ser e também pela realidade humana que ele constrói ao escolher. Essa angústia vem da percepção da contingência natural da realidade. O que existe é apenas o presente, e além do presente nada mais existe, o passado não define o ser do Para-si, lhe serve como ponto de partida, mas não o condiciona. O futuro deve ser criado através de objetivos traçados pelo seu projeto de ser, porém, diante da realidade todas as possibilidades estão abertas, não escolher já se torna uma escolha, pela qual terá de se responsabilizar. Assim, a contingência se mostra como sua realidade, na qual deverá agir diante dos imprevistos.

Deste modo, conseguimos identificar em *A Náusea* com o narrador-personagem Antoine Roquentin, que Sartre demonstrou essa descoberta existencial através do protagonista do romance. As novas percepções de Roquentin se compreende pela lucidez que sua consciência passa a ter das coisas, ele nadifica o ser que constrói como essência, e passa a pressentir o ser Em-si, que sem o sentido empregado pela sua consciência deixa de significar, ou seja, perde a essência contemplada pela utilidade da coisa que o indivíduo significa na realidade. Por isso ocorrem essas sensações, ele não se reconhece como os objetos que revela (pois sabe que não é), torna-se totalmente desvinculado deles como objetos conhecidos, esses objetos são contingentes, pois não detém nenhuma necessidade de existir, são fúteis, irrelevantes, existem para necessidades humanas, mas são indiferentes a sua existência. Roquentin é derivado dessa contingência, mas tem consciência de sua existência e da realidade em que se situa, e por isso sente a sua liberdade, pois compreende que o que existe é apenas o momento que se vive, e além daquele instante, tudo pode acontecer, pois sua própria existência é contingente, cabendo a ele escolher como agir através das situações vividas. Portanto, a náusea lhe ocorre em contato com essa contingência, pela qual a angústia se revela como a consciência que tem de si mesmo na realidade enquanto livre para decidir o que fazer de sua vida, e pela reponsabilidade que passa a ter através disso. Ao se deparar com a abundância de existência da raiz do castanheiro, por exemplo, compreende que a existência não pode ser dita em palavras, que são insuficientes, que ela vai além de toda a compreensão humana.

Diante disso, apresentamos no segundo capítulo os conceitos chaves dessa pesquisa e os essenciais da filosofia existencialista de Sartre, o ser Para-si e o ser Em-si que contemplam o conceito de *Nada*, analisado posteriormente, a Liberdade e a Angústia. Após esses entendimentos preliminares dos conceitos filosóficos existencialistas, analisamos no terceiro capítulo através de interpretação a comparação de relatos do protagonista da sua literatura, com

os conceitos mostrados no segundo capítulo. Além de concluir com uma última seção sobre a contingência como o ápice da descoberta que o narrador-personagem faz da realidade, e na qual é o ponto do entendimento de Sartre no seu existencialismo.

Através desse estudo foi possível compreender a concepção das ideias existencialistas do filósofo e escritor Jean Paul-Sartre, que foi antecedida em sua literatura, e que sempre esteve presente em suas criações, do qual, posteriormente, dialogando com outros filósofos, ele desenvolve em seu ensaio filosófico *O Ser e o Nada*.

Portanto, atingimos os objetivos desse texto. Essa foi apenas umas das abordagens possíveis de analisar os romances de Sartre, é possível também através de outras perspectivas compreender a complementação de seu pensamento da literatura à a filosofia. Por isso, entendemos que esse estudo mantém o caminho aberto para pensar a filosofia existencialista de Sartre através de seus escritos literários.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, T. H. C. **A teoria literária de Jean-Paul Sartre em sua produção romanesca.** 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Área de Concentração Teoria e Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127771>. Acesso em: 21 abril 2020.

AIRES, Maurilio Gadelha. **O conceito de consciência em *O Ser e o Nada* de J.-P. Sartre.** 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16522>. Acesso em: 26 nov. 2020.

CARMELLO, P. S. **Anotações sobre a Filosofia da Liberdade em *A Náusea*, de Jean Paul Sartre.** Revista Garrafa (PPGL/UFRJ), v. 18, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/8463>. Acesso em: 08 jun. 2020.

HILGERT, L. H. **Questão de método: filosofia e literatura em Sartre.** ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 22, nº 1, p. 221-246, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/24738>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre.** Prefácio de Gerd Bornheim. L&PM Editores, Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 1995. 294 p.

SANTOS, Tiago Soares dos. **Filosofia e literatura em Sartre: diálogos.** In: CORREIA, Adriano et al. (org.). *Filosofia francesa contemporânea.* São Paulo: ANPOF, 2017. p. 323-330. (Coleção XVII Encontro ANPOF). Disponível em: <http://www.anpof.org/portal/images/filosofia-francesa-contemporanea.pdf>. Acesso em: 01 abril 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea.** Tradução Rita Braga. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica.** Trad. Paulo Perdigão. 24ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** 3. ed. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SILVA, P. C. G da. **O conceito de liberdade em *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/paginas/mestrado/dissertacao/PDF/paulo_cesar_gondim_da_silva.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

WELTMAN, M. **Ontologia fenomenológica e liberdade em *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre**. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-08022010-160422/publico/MICHELLE_WELTMAN.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.